

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**SEXO COMERCIAL E TRANSGENDERISMO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO
COM TRABALHADORES DO SEXO TRAVESTIS E TRANSEXUAIS**

Belinda Celeste Marques Costa

Outubro 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Alexandra Maria da Silva Oliveira* (F.P.C.E.U.P.).

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**SEXO COMERCIAL E TRANSGENDERISMO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO
COM TRABALHADORES DO SEXO TRAVESTIS E TRANSEXUAIS**

Belinda Celeste Marques Costa

Outubro 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Alexandra Maria da Silva Oliveira* (F.P.C.E.U.P.).

Belinda Cesleste Marques Costa
Presidente: Doutora Isabel Macedo Pinto
Arguente: Doutora Celina Manita
Orientadora: Doutora Alexandra Oliveira
Classificação: 17 valores

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Um ano depois do que era suposto, do que inicialmente planeei, mas aqui está! Claro que este trabalho é produto do meu esforço e do meu empenho, mas só foi possível porque tive os melhores ao meu lado:

À Professora Alexandra Oliveira, por tudo o que me permitiu aprender, pela sua dedicação e apoio, por nunca ter desistido de mim. Por acreditar e me fazer acreditar que este trabalho era ainda possível. O meu enorme obrigada.

Aos participantes deste estudo, por terem disponibilizado um pouco do seu tempo, pela partilha das suas vidas e das suas experiências, por terem confiado em mim. Sem eles este trabalho não seria possível, esta investigação também é vossa.

À Su, pelo apoio constante, por ter aturado todos os meus momentos de ansiedade, frustração e desânimo e por toda a revisão de texto. À Carina e à Ju, por terem sempre acreditado em mim, por constantemente perguntarem se já havia data de defesa e eu, triste e timidamente, dizia que ainda não. Obrigada por terem insistido, pois cada vez que o faziam, incitavam-me a ter vontade de acabar. Obrigada por se manterem na minha vida apesar da distância.

Aos meus amigos e alguns familiares que acompanharam de perto o meu percurso nos últimos seis anos, que estranharam o tema deste trabalho, mas sempre me incentivaram a terminar.

À minha avó por todo o apoio, por toda a dedicação e por todo o amor que, à sua maneira, me transmitiu. Ao meu irmão, por ser um pedaço de mim.

Dedico-o aos meus pais, por todo o esforço que fazem para me proporcionar o melhor, por estarem incondicionalmente do meu lado, por respeitarem sempre as minhas escolhas, apesar de nem sempre terem sido as melhores. Por me deixarem ser livre sem nunca me perder de vista. Por serem o meu chão.

A vida é insistentemente dura, confronta-nos, põe-nos à prova, encosta-nos à parede e faz-nos até sentir derrotados. O Ser Humano é incrivelmente forte, resiliente e capaz do inesperado. Somos capazes de tudo, só basta querer, acreditar e lutar. Porque só é impossível aquilo que nunca se tentou.

Belinda Costa

Resumo

O trabalho sexual tem sido, nas últimas décadas, um fenómeno cada vez mais investigado. Contudo, de acordo com a revisão da literatura efetuada, a maioria das investigações sobre trabalho sexual focam-se nas mulheres cisgénero que o exercem, sendo escassa a investigação sobre o trabalho sexual praticado por transgéneros. Assim, a presente investigação consiste num estudo exploratório acerca das características, percurso e motivações dos trabalhadores do sexo transgéneros, dos significados e especificidades associados ao seu trabalho e, ainda, sobre questões relacionadas com a identidade de género.

A metodologia utilizada foi qualitativa com recurso a entrevistas semiestruturadas. Realizámos sete entrevistas por telefone a trabalhadores do sexo transgéneros, sendo dois dos entrevistados travestis e cinco transexuais.

Concluímos que o principal motivo de entrada dos transgéneros no trabalho sexual é económico sendo que os percursos de vida que antecedem essa entrada diferem entre os travestis e os transexuais. Relativamente às transexuais elas entram neste trabalho para conseguirem obter condições económicas para a transformação física, sendo esta a sua principal motivação. Os travestis, por sua vez, iniciam-se no trabalho sexual com o objetivo de alcançar um maior conforto económico para conseguirem, entre outras coisas, frequentar o ensino superior. Os/as participantes referem aspetos positivos e negativos associados ao trabalho sexual, notando-se uma ambivalência nos seus discursos. Quanto às especificidades do trabalho praticado por transgéneros comparativamente ao praticado por mulheres cisgénero, foram enunciadas diferenças quer ao nível das práticas quer no que respeita aos clientes. Verificámos também que os trabalhadores do sexo consideram o trabalho sexual uma profissão defendendo a sua legalização. No caso específico das transexuais, estas afirmam identificar-se com o género feminino desde a infância, tendo o seu percurso de afirmação como mulher levado à entrada no trabalho sexual, sendo a transexualidade o principal motivo do estigma e discriminação de que são alvo.

Este tudo parece-nos ser um contributo importante para colmatar a escassa investigação sobre este tema e para uma melhor compreensão do trabalho sexual realizado por transgéneros, podendo assim ser um incentivo para investigações futuras nesta área.

Palavras-chave: trabalho sexual, transgenderismo, transexual, travesti, identidade de género.

Abstract

Sex work has been the subject of increasing research over the last decades. However, according to the literature review that was conducted, the majority of studies about sex work focus on the cisgender women who practice it, with a lack of research on sex work practiced by transgender individuals. Therefore, the present research consists of an exploratory study on the characteristics, routes and motivations of transgender sex workers, on the meanings and specificities associated with their work, as well as issues related to gender identity.

The methodology used was qualitative, resorting to semi-structured interviews. We conducted seven telephone interviews with transgender sex workers, two of which were transvestites and the other five were transsexuals.

We concluded that the main reason for the entrance of transgender individuals in sex work is economic, and the life trajectories that precede that entrance differ between transvestites and transsexuals. In regards to transsexuals, they enter this line of work in order to obtain economic conditions for their physical transformation, which is their main motivator. Transvestites, on the other hand, initiate sex work with the goal of achieving greater economic comfort in order to be able to attend University, among other things. The participants refer both negative and positive aspects associated with sex work, with ambivalence being noticeable in their speech. Regarding the specificities of the work practiced by transgender individuals compared to the work practiced by cisgender women, differences were mentioned both in terms of practices, as well as in regard to clients. We also found that sex workers consider sex work a profession and defend its legalization. In the specific case of transsexuals, they declare identifying themselves with the female gender since childhood and their path of affirming themselves as a woman led to initiating sex work, with transsexuality being the main reason for the stigma and discrimination of which they are object.

We regard this study as an important contribution in addressing the scarce research on this topic and allowing a better understanding of the sex work practiced by transgender individuals, thus, possibly providing an incentive for future research in this area.

Key-words: sex work, transgenderism, transsexual, transvestite, gender identity.

Résumé

Le travail sexuel a été, au cours des dernières décennies, un phénomène de plus en plus étudié. Cependant, selon la revue littéraire réalisée, la plupart des recherches du travail sexuel se basent sur les femmes cisgenres, rares dans l'enquête du travail sexuel pratiqué par les transgenres. Ainsi, la recherche suivante consiste en une étude exploratoire concernant les caractéristiques, le parcours et les motivations des travailleurs transgenres, les significations et les spécificités associées au travail et, pour finir, sur les sujets liés à l'identité du genre.

Nous avons eu recours à une méthodologie qualitative à partir de questionnaires semi-structurés. Nous avons réalisé sept entretiens par téléphone aux travailleurs transgenres, dont deux transsexuels et cinq travestis.

Les différents parcours entre travestis et transsexuels nous amènent à conclure que la principale raison des transgenres à rentrer dans le monde du travail sexuel est d'ordre économique. Similairement aux transsexuels, ils commencent ce travail afin de pouvoir se permettre financièrement une transformation physique, leur motivation principale. Les travestis, quant à eux, commencent leur travail sexuel dans l'objectif d'atteindre un meilleur confort économique et financier. Par l'ambivalence dans leurs discours, les participant(e)s renvoient des aspects positif et négatif à propos du travail sexuel. Quant aux spécificités du travail pratiqué par les transgenres comparativement aux pratiques des femmes cisgenres, les différences ont été exposées tant au niveau des pratiques qu'au niveau du respect des clients. Nous vérifions également que les travailleurs sexuels considèrent leur travail comme une profession défendant sa légalisation. Dans le cas des transsexuels, ces derniers affirment s'identifier au genre féminin dès l'enfance et se déclarent femme dans leur profession. Les transsexuels font face à une forte discrimination causée par la stigmatisation.

Cette enquête semble contribuer de manière importante à une meilleure compréhension du travail sexuel des transgenres. Compte tenu de sa rareté, ce travail de recherche pourrait ouvrir de futures recherches dans ce domaine.

Mots-clés: travail sexuel, transgenre, transsexuel, travesti, identité du genre.

Índice

Introdução	1
1. Revisão de literatura	5
1.1. Sexualidade e identidade de gênero	5
1.2. O travestismo	6
1.3. A transexualidade	8
1.4. Trabalho sexual e transgenderismo	12
2. Metodologia	15
2.1. Objeto e Objetivos	15
2.2. Método	15
2.2.1. Participantes	16
2.2.2. Instrumento: A entrevista	17
2.2.3. Procedimento	18
2.2.4. Análise de dados	20
3. Apresentação e discussão dos resultados	21
3.1. Questões relacionadas com a condição de transexual	21
3.2. Questões relacionadas com o trabalho sexual	24
3.2.1. Das transexuais	25
3.2.2. Dos travestis	29
3.3. Posicionamento dos TS transgêneros relativamente ao sexo comercial	32
4. Considerações finais	34
Referências Bibliográficas	37
Anexos	42

Índice de anexos

Anexo I – Guião da entrevista semiestruturada

Anexo II – Texto de apresentação do estudo

Anexo III – Sistema categorial com exemplos de respostas

Lista de siglas e abreviaturas

IST – Infecção Sexualmente Transmissível

P - Participante

RRMD – Redução de Riscos e Minimização de Danos

SNS – Serviço Nacional de Saúde

TS – Trabalhador/a/es do sexo

Introdução

A prostituição é um fenômeno antigo, estando presente em algumas das mais antigas sociedades (Ditmore, 2006). Durigan e Mina (2007) referem que o primeiro registo sobre prostituição data de dois mil anos A.C., na antiga Suméria, e historicamente há registos da existência de prostitutas desde a antiguidade, quando predominava ainda o domínio do matriarcado.

A prostituição não é alvo de muito interesse científico, nem de muito estudo, comparativamente com outros comportamentos considerados desviantes. No entanto, tem-se notado um aumento de pesquisas e interesse por parte dos investigadores ligados à área das ciências sociais e humanas, que têm voltado a sua atenção cada vez mais para este fenómeno.

O termo prostituição, apesar de ainda ser usado, começa a cair em desuso, desde o surgimento do conceito de trabalho sexual, proposto por Carol Leigh, nos anos 70 do século XX. Nesta altura, deu-se uma grande mudança a nível da conceção destes comportamentos, e foi com vista à abrangência e à desestigmatização que, esta prostituta e ativista dos EUA, propôs este conceito (Ditmore, 2006; Oliveira, 2008).

O termo trabalho sexual é, muito mais abrangente, considerando tratar-se de uma atividade comercial de prestação de serviços, desempenhos ou produtos sexuais, em que é realizado um comportamento com um significado sexual ou erótico para quem compra (Oliveira, 2008). Segundo Weitzer (2000), o trabalho sexual pode incluir prostituição, pornografia, *striptease*, danças eróticas ou chamadas eróticas. O trabalhador do sexo (TS) é, deste modo, o indivíduo que ganha dinheiro pela prestação de serviços sexuais (Ditmore, 2006).

Percebe-se, assim, que o tipo de trabalho efetuado e os contextos de realização são muito variáveis, havendo prostituta/os de rua, acompanhantes, *call girls*, *stripteasers*, alternadeira/os, dominadora/es, operadora/es de linha de telefone eróticas, atrizes e atores de filmes pornográficos, massagistas e modelos eróticos (Oliveira, 2008). Desta forma, cabem dentro da designação “trabalho sexual”, uma série de atividades que não só a prostituição, mas que, de certa forma, se relacionam com o sexo ou o erotismo e com o objetivo de ganhar dinheiro (Oliveira, 2004), ou seja, a sua comercialização.

Como se referiu anteriormente, este não é um tema muito investigado e, se durante parte do século XX, ele foi esquecido pela ciência, ressurgiu nas pesquisas após o

aparecimento da SIDA, com métodos mais compreensivos e desenhos de estudo mais abrangentes (Oliveira, 2008).

Apesar deste aumento de investigações, os discursos sobre trabalho sexual, tanto na esfera pública como no mundo científico, são maioritariamente sobre prostituição feminina e tendem a ocultar a existência da prostituição masculina e de transgéneros (Pourette, 2005). No entanto, tem-se vindo a verificar que as abordagens científicas ao fenómeno começaram a deixar de estar circunscritas às mulheres TS e ao contexto da prostituição de rua, tendo começado a surgir interesse e a julgar-se pertinente a investigação com TS homens, transexuais e travestis, clientes e outras formas de trabalho sexual (Oliveira, 2008). Isto deve-se ao facto de começar a haver um reconhecimento de que o trabalho sexual é multiforme, compreende diversos tipos de atores e desenvolve-se em diversos contextos, existindo, portanto, TS femininos, masculinos e transexuais, com várias orientações sexuais (hetero, homo ou bissexual), idades e nacionalidades (Oliveira, 2008).

Bernardo *et al.*, em 1998, numa investigação sobre a comunidade de transgéneros em Portugal, verificaram que 56% da sua amostra eram TS. Mais recentemente, Oliveira (2008), no seu estudo etnográfico sobre prostituição de rua, concluiu que o número de transexuais entre os TS de rua é expressivo. E, numa investigação sobre trabalho sexual de apartamento, Oliveira (2013), encontrou uma percentagem de 19,8% de transexuais homens em mulheres (MtF) na sua amostra. No entanto, e apesar destes dados, se existem poucos trabalhos desenvolvidos em Portugal sobre prostituição feminina, muito menos, ou mesmo nenhum, existe sobre TS transgéneros (transexuais e travestis). Da pesquisa efetuada, não foi encontrado nenhum estudo feito no nosso país sobre esta população.

Já no Brasil, existem inúmeras investigações sobre transgéneros que se prostituem. Apesar disso, Ferraz *et al.* (2006), referem a importância de nos voltarmos para esta população, não só pela escassez de estudos sobre este fenómeno, mas também para que se explorem e compreendam as suas especificidades.

Também Garcia e Lehman (2011) referiram que os travestis formam um grupo que tem vindo a atrair uma crescente atenção dos investigadores do Brasil e do mundo, e parte desse interesse deve-se às características transexuais destes indivíduos, ao seu género e construção do corpo, assim como a sua sexualidade e à entrada no mundo da prostituição. Os autores dizem, ainda, que a construção da identidade travesti está fortemente associada ao trabalho sexual e não apenas à sua condição de transgénero e, por sua vez, o trabalho sexual está ligado a essa condição, mas também a extrapola, e é por isso que um estudo específico sobre este tema é importante.

A escassez de investigações e as especificidades do trabalho sexual de transgéneros, foram os aspetos que tornaram pertinente a opção por este tema e nos levaram a escolher este objeto de estudo – o trabalho sexual de transgéneros. Este pretende ser um estudo exploratório, pois, como já referimos, a investigação sobre o tema em Portugal é escassa.

A primeira dificuldade com que nos deparámos foi a diversidade e complexidade de conceitos relacionados com o tema e a população em estudo. Isto deveu-se sobretudo ao facto de a maioria do nosso suporte bibliográfico ser brasileiro, e os conceitos utilizados no Brasil, e o seu significado, diferirem dos que são utilizados em Portugal. Por exemplo, no Brasil, é usado, na maioria das vezes, um único termo – travesti - que se refere a todo o tipo de transgéneros, enquanto na restante literatura são utilizados dois termos - travesti e transexual – existindo uma evidente distinção entre eles, pois referem-se a fenómenos diferentes.

Um exemplo desta particularidade foi notado por Barbosa, em 2010, ele verificou que diferentes sujeitos se autoidentificavam com termos diferentes, mas na explicação que davam em relação ao que sentiam, e com o que se identificavam, o autor percebeu que se referiam ao mesmo conceito. Isto vai ao encontro do que Oliveira (2011) verificou em Portugal: apesar de na literatura científica as diferenças entre transexual e travesti serem claras, para muitas das pessoas transgénero estes conceitos são de difícil limitação. Também Pourette (2005) referiu que a multiplicidade de nomes, tal como a imprecisão das suas definições, evidenciam a dificuldade em compreender os fenómenos a que se referem.

Um outro aspeto que torna este tema alvo de interesse é o facto de se tratar de um grupo bastante específico, que relaciona questões do trabalho sexual com questões de identidade de género. Desta forma, consideramos que a presente investigação poderá representar o ponto de partida para conhecer e caraterizar a população de transgéneros no trabalho sexual. Com esta investigação queremos, então, compreender em que se traduzem os conceitos de travesti e de transexual; perceber quais as relações entre o trabalho sexual e a condição de transgénero(s); e compreender as especificidades do trabalho sexual de transgéneros.

Tendo em conta que pretendíamos obter uma visão compreensiva deste fenómeno, e ter acesso a uma caraterização dos TS transgéneros e das características e especificidades do seu trabalho, decidimos utilizar uma metodologia qualitativa que se concretizou na realização de entrevistas semiestruturadas e posterior análise.

Optámos por organizar o presente estudo em quatro partes distintas: a revisão da literatura, a metodologia, a apresentação e discussão dos resultados e as considerações finais.

Começaremos pela revisão da literatura na qual exploramos, por um lado, os aspetos relacionados com os termos travesti e transexual, de forma mais direccionada para as questões de identidade de género; e, por outro lado, os aspetos mais ligados ao trabalho sexual de transgéneros. Referiremos, ainda, as questões e motivos de entrada dos transgéneros no trabalho sexual e, por fim, os aspetos negativos e consequências que os transgéneros enfrentam nesta profissão. De seguida, descrevemos a componente empírica do nosso estudo, indicando a metodologia utilizada, seguindo-se a apresentação e discussão dos dados obtidos. Terminaremos com as considerações finais, que integram as principais conclusões, limitações e implicações práticas do presente estudo.

1. Revisão da literatura

1.1. Sexualidade e identidade de gênero

Cada pessoa tem uma orientação sexual, que se traduz por um envolvimento emocional, amoroso e/ou atração sexual por homens, por mulheres ou por ambos os sexos. É com base nas suas atrações, que o indivíduo expressa determinados comportamentos e se identifica com pessoas com a mesma orientação sexual, e assim constrói a sua identidade pessoal e social (APA, 2008).

A orientação sexual, habitualmente, é categorizada em três tipos: heterossexualidade - atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso com pessoas de sexo diferente; bissexualidade - atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso com pessoas de ambos os sexos; e homossexualidade - atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso com pessoas do mesmo sexo (APA, 2008, p.1).

Simultaneamente, cada pessoa tem o seu sexo (biológico) e, ao longo do seu desenvolvimento, constrói a sua identidade de gênero, ou seja, o “sentido subjetivo do *self* em indivíduos como sendo masculino ou feminino” (Nogueira & Oliveira, 2010, p.20). Ao contrário do sexo, que é determinado geneticamente, o gênero não é biológico.

O gênero é influenciado pelo meio/contexto em que o indivíduo está inserido e, portanto, é o sujeito que constrói a sua identidade de gênero, bem como a sua orientação sexual. A identidade é definida e construída na sua relação com outros, num contexto sociocultural, que também interage com/influencia a solidificação da identidade (Durigan & Mina, 2007). Esta influência pode ser mais ou menos forte, e na maioria dos casos, as normas de gênero são impostas na infância, com o objetivo de construir corpos masculinos e femininos de acordo com o seu sexo biológico dentro de um sistema binário, e, possivelmente, todo este processo ocorre antes de a criança ter alguma consciência da existência de regras sociais (Carvalho, 2011).

No entanto, não existem identidades e gêneros estáveis, estes vão-se construindo a partir das relações que se estabelecem entre gêneros, gerações, etnias e classe (Hall, 2005 *cit in* Durigan & Mina, 2007; Pelúcio, 2004).

Plaza (2011) faz referência à perspectiva construtivista da realidade social, e considera que os aspetos da vida humana, considerados mais dependentes da determinação biológica (como o corpo, a sexualidade, etc), respondem a estímulos sociais que são adquiridos pelo

indivíduo mediante o processo de aculturação. Geertz (1995 *cit in* Plaza, 2011, p.46) diz, ainda, que os corpos são ficcionados: fabricados, elaborados e conduzidos de acordo com a percepção da sociedade. Desta forma, quase tudo depende da percepção das pessoas e da construção social que fazem, neste caso, do que é ser homem/mulher, do modo de vestir, dos sinais e comportamentos de cada sexo, do que é normativo e normal em cada sexo. Os indivíduos são orientados em função de um conjunto de possibilidades de subjetivação que se inscrevem num ambiente cultural específico (Plaza, 2011). A sociedade reforça esses comportamentos e essa construção, e sempre que alguém ultrapassa essa norma é visto como desviante, como estando a ter um comportamento incorreto.

Na maioria dos indivíduos, a identidade de género é congruente com o sexo, mas nem todos os casos são lineares. Existem casos que desafiam os limites da “normalidade”, e ultrapassam algumas barreiras do que é convencional, isto é, casos em que se verifica uma incongruência entre o sexo e o género (seja identidade de género, seja aspeto físico).

Entramos, assim, num outro domínio, num outro grupo – o grupo dos transgéneros. Este é o termo mais abrangente, ou termo “guarda-chuva”, que se refere a todas as pessoas que desafiam as fronteiras de género (Pourette, 2005), isto é, que não se conformam com a categoria de género binária (homem e mulher).

O termo transgenderismo surgiu no final do século XX, em 1979 (McKenna & Kessler, 2006 *cit in* Nogueira & Oliveira, 2010) e, segundo a APA (2009), inclui todas as identidades ou expressões de género não inseridas nas normas de género convencionalmente aceites. O conceito de transgénero é assim o mais abrangente e, contempla transexuais, travestis, *drag queens/drag kings* (Ditmore, 2006; Nogueira & Oliveira, 2010), pelo que cada um destes conceitos representa uma realidade diferente.

Sendo os termos travesti e transexual os que nos interessam neste trabalho, iremos, de seguida, aprofundar cada um deles.

1.2. O travestismo

Como já referimos, os travestis incluem-se no heterogéneo e complexo universo dos transgéneros (Ferraz *et al.*, 2006). O termo “travestismo” foi proposto pela primeira vez, por Magnus Hirschfeld, médico alemão, no início do século XX (Durigan & Mina, 2007). Segundo Ferreira (1995 *cit in* Durigan & Mina, 2007, p.67), “travesti” diz respeito ao “disfarce do indivíduo, geralmente em espetáculos teatrais, com roupas do sexo oposto”. Em 1977, o psicanalista Robert Stoller, definiu o travestismo como “condição na qual um

homem se torna genitalmente excitado ao vestir roupas íntimas femininas” (Durigan & Mina, 2007, p. 67).

Pode-se, assim, concluir que travesti é o termo utilizado para referir um indivíduo que se veste/traveste com roupas do género oposto, momentaneamente, para um espetáculo transformista, para obter prazer sexual, para se prostituir, entre outras situações frequentes. No entanto, Barbosa (2013) refere que atualmente o termo está quase diretamente associado à prostituição, à criminalidade e à marginalidade, devido ao elevado número de pessoas autodenominadas travestis no trabalho da prostituição. Em Portugal, verifica-se o mesmo, como já referimos atrás, citando o trabalho de Oliveira (2008), que refere a presença cada vez mais significativa de travestis no mundo do trabalho sexual. Desta forma, o termo travesti é muito associado à prostituição, o que faz com que tenha uma conotação negativa.

Contudo, existe ainda uma outra associação: a do travestismo com a perturbação mental, como faz, por exemplo, Money (1993 *cit in* Durigan & Mina, 2007, p.67), que inclui no travestismo todo aquele que se veste como se pertencesse ao sexo oposto, destacando que se trata de uma parafilia, portanto, doença mental. Do ponto de vista psicopatológico, este conceito está associado a uma perturbação mental, estando classificado no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – DSM-V (APA, 2013). Na edição anterior (DSM-IV-TR), estava inserido no grande grupo das “Perturbações Sexuais e de Identidade de Género”, estando o “Fetichismo Travestido” inserido no subgrupo das “Parafilias”. Nesta quinta edição do DSM deixou de existir o grande grupo das “Perturbações Sexuais e da Identidade de Género”, que foi dividido em dois grupos, um denominado “Perturbações da Personalidade” e outro denominado “Perturbações Parafilicas”. Este último inclui, entre outras, a “Perturbação Travesti”. Segundo a APA (2013), os critérios para o diagnóstico da perturbação travesti são:

“A. Por um período de pelo menos 6 meses, excitação sexual recorrente e intensa por se travestir, manifestada por fantasias, desejos ou comportamentos.

B. As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos provocam mal-estar clinicamente significativo ou dificuldade no funcionamento social, ocupacional ou noutras áreas.” (p.702).

O diagnóstico da perturbação travesti não se aplica a todas as pessoas que se vestem como o sexo oposto, mesmo os que o fazem habitualmente. Este diagnóstico aplica-se, a indivíduos cujo travestismo, ou o pensamento de se travestir, são sempre ou quase sempre acompanhados de excitação sexual (critério A), e que estão emocionalmente perturbados por

este padrão ou sentem que isso prejudica o seu funcionamento social ou interpessoal (critério B) (APA, 2013).

Apesar de ser considerado uma parafilia e, portanto, uma perturbação mental, o travestismo está maioritariamente presente em espetáculos transformistas, e muito associado às *drag queens/drag kings*¹. Nestes casos, não pode ser considerado uma parafilia, pois os indivíduos não se travestem com o intuito de obter prazer, mas sim por questões profissionais, com o objetivo de ganhar dinheiro. Também nos casos em que o indivíduo se traveste para exercer trabalho sexual, dado que o objetivo dele se travestir é exercer a sua profissão, também não é considerado uma perturbação. É este tipo de travestismo que nos importa neste trabalho.

1.3. A transexualidade

Existem indivíduos que se identificam como sendo de outro género que não o sexo biológico de pertença e que desejam viver ou experienciar momentos, de acordo com o que é convencionalmente atribuído a outro género (Nogueira & Oliveira, 2010, p.20). Quando isto acontece fala-se em transexualidade. São indivíduos que nascem com um determinado sexo, com o padrão cromossómico normal de homem ou mulher, mas cuja autoimagem sociopsicológica, é particular ou totalmente inconsistente com o seu sexo (Dixon & Dixon, 1998). Segundo Pelúcio (2006), os transexuais são pessoas que nascem com um sexo biológico e que procuram introduzir nos seus corpos, símbolos do que é socialmente aceite como sendo do sexo oposto.

O transexual é um indivíduo que procura ou é submetido a uma transição social de homem para mulher ou de mulher para homem, que, em muitos casos, mas não em todos, envolve a transição somática por tratamento hormonal e cirurgia genital (cirurgia de redesignação sexual) (APA, 2013). A mudança pode ser de homem para mulher (MTF - *male to female*) – pessoas cujo sexo biológico de nascimento é masculino e que pretendem viver no género feminino; ou de mulher para homem (FTM - *female to male*) – pessoas cujo sexo biológico é feminino e que pretendem viver no género masculino (Nogueira & Oliveira, 2010).

¹ Artistas performativos que se travestem, fantasiando-se de forma exagerada com o intuito profissional artístico.

Do ponto de vista patológico, segundo o DSM-V (APA, 2013), o termo usado para designar estas condições é “Disforia de Género” - termo descritivo geral que se refere ao descontentamento afetivo/cognitivo do indivíduo com o seu sexo. Os indivíduos com disforia de género têm uma incongruência marcada entre o seu sexo e o género designado à nascença e o seu género experienciado, e a disforia de género refere-se ao desconforto/angústia que pode acompanhar essa incongruência (APA, 2013).

Na maioria dos casos, o desconforto com o sexo biológico e o desejo de viver de acordo com outro género está presente desde muito cedo, pois durante a infância existia já uma forte atração para vestirem roupas e adotarem comportamentos do sexo oposto (Dixon & Dixon, 1998; Oliveira, 2008; APA, 2013). Ao longo do tempo e à medida que vão crescendo, estes indivíduos adotam cada vez mais comportamentos e formas de estar do género oposto, principalmente as transformações físicas, para se parecerem o mais naturalmente possível com o género com que se identificam. Da pesquisa efetuada, todas as investigações indicam que a mudança mais frequente é MTF e, desta forma, os indivíduos procuram tornar a sua aparência o mais feminina possível. Assim, a mudança é todo um processo de construção do corpo ambicionado, procurando a perfeição e querendo ser uma mulher bonita e atraente (Pelúcio, 2005).

As mudanças mais visíveis e notórias são ao nível da roupa, do cabelo e das unhas, da depilação e as alterações corporais. Relativamente às últimas, o processo mais frequente são os implantes de silicone e a toma de hormonas, sob forma de comprimidos ou injeções. Na maioria dos casos é o próprio indivíduo que auto prescreve e auto administra as hormonas (Dixon & Dixon, 1998) e é através das interações sociais com outros transgéneros, e outros significativos, que os transexuais conseguem ter acesso às informações que os irão ajudar no investimento necessário ao aperfeiçoamento corporal (Ferreira, 2009), sabendo assim o que fazer, o que tomar, e como ter acesso. Tal comportamento acarreta alguns perigos para a saúde, sendo alguns produtos nocivos ou mal administrados, podendo ter assim efeitos negativos indesejados, quer a nível físico, quer psicológico, devido à ingestão sem a necessária supervisão médica (Oliveira, 2008). Também Pourette (2005) refere que o processo de feminização, mesmo quando é muito ambicionado, é sempre doloroso e envolve riscos, tanto do ponto de vista médico como psicológico.

Pode existir ainda uma outra mudança, bastante mais complexa - a mudança de sexo ou redesignação sexual - que implica o recurso à cirurgia e, é normalmente das últimas alterações que os transexuais fazem, dada a dificuldade de se conseguir a operação. Em Portugal, é permitida, pela Lei n.º 7/2011 de 15 de Março, a mudança de sexo e do nome

próprio no registo civil, a quem seja diagnosticada perturbação de identidade de género (Artigo 2.º)². Relativamente ao processo de transição e à cirurgia em Portugal, no contexto dos serviços de saúde, a forma como os transexuais vivenciam todo o processo, não foi ainda alvo de estudo sistemático (Carvalho, 2010), apesar do mesmo ser realizado, mais frequentemente, no nosso país.

No entanto, segundo Pourette (2005) cada vez mais pessoas adotam a sua identidade transexual sem recorrer à intervenção cirúrgica de mudança de sexo, por conviverem sem grandes conflitos com os órgãos sexuais de nascença (Pelúcio, 2006).

Todas estas alterações físicas são muito importantes para o indivíduo transexual, pois a alteração do corpo é um processo inerente à construção da sua identidade, é um marco fundamental que permite diferenciá-lo dos outros indivíduos que compõem a diversidade do universo sexual, nomeadamente, dos homossexuais, dos travestis, dos transformistas, da/os *drag queens/drag kings*, e ainda permite distingui-lo entre os outros transexuais (Benedetti, 2000 *cit in* Ferreira, 2009).

Importa ainda ter presente que, o processo de transformação do corpo e da mudança de identidade é acompanhado de questões e desafios, especialmente o olhar social extremamente depreciativo sobre os transgéneros, que podem ter de enfrentar atitudes de preconceito, discriminação e transfobia por parte da sociedade, como enfrentam todos os indivíduos que desafiam/subvertem as normas (Pourette, 2005).

Como referem Dixon e Dixon (1998), a vida dos transgéneros é desnecessariamente dura pela insistência e inflexibilidade da cultura para que haja apenas dois sexos. Estão, assim, expostos a situações negativas de discriminação e preconceito. Também Ditmore (2006) refere que os transgéneros em todo o mundo continuam a enfrentar uma enorme discriminação e opressão.

A passagem de um indivíduo para transgénero envolve cuidados e investimento constantes, e isto não ocorre sem consequências. Dada a sociedade patriarcal em que vivemos, cujos valores e os papéis sociosexuais estão historicamente bem definidos para homens e mulheres, o corpo andrógino dos transgéneros constitui uma fonte de preconceito, com efeito direto sobre os mesmos (Ferreira, 2003a *cit in* Ferreira, 2009). Um sentimento muito presente na sociedade em geral (Nemoto *et al.*, 2011) e na sociedade portuguesa em particular (Oliveira, 2008) é a transfobia. Isto é, o medo irracional e o ódio a todos os

² Diário da República, 1.ª série — N.º 52 — 15 de Março de 2011.

indivíduos que transgridem ou violam as categorias de género dominantes numa dada sociedade (Ditmore, 2006).

A discriminação contra transgéneros está presente a nível institucional, social ou individual e pode manifestar-se sob a forma de violência (física, sexual e verbal), assédio, preconceito, atitudes negativas, assaltos, violações, e muitas vezes estes indivíduos têm ainda dificuldade em aceder a cuidados de saúde (Nemoto *et al.*, 2011).

Sendo muitas as dificuldades e consequências que estes indivíduos enfrentam, devido à sua condição de transgéneros, pode-se dizer ainda que estão expostos a uma dupla estigmatização, sendo duplamente discriminados, por simultaneamente violarem o sistema de sexo e género, e serem TS (Pourette, 2005; Ferreira, 2009). Em certos casos, pode-se, ainda, falar em tripla discriminação, pois além de transexuais e TS, muitos destes indivíduos são, também, imigrantes e, por vezes, estão em situação irregular (Pourette, 2005; Oliveira, 2008).

O corpo dos transgéneros por si só constitui uma fonte de estigma, pois a sua morfologia semelhante à de uma mulher é o elemento mais visível do desvio que cometem ao violar o sistema de género, mas são também vistas como marginais, criminosas, vergonhosas, obscenas, desocupadas e inferiores, não só por serem transgéneros, alguns por serem homossexuais, mas sobretudo por serem TS (Ferreira, 2009). Por sua vez, o estigma tem relação direta com a questão da desigualdade social e a discriminação que os transgéneros enfrentam (Duque, 2008). Tudo isto tem consequências negativas, e têm sido referidos por parte dos TS transgéneros, alguns indicadores psicológicos de depressão e ideação suicida (Nemoto *et al.*, 2011), justificados pela pressão social, discriminação e estigma a que estão sujeitos.

É pertinente referir a investigação de Ferreira (2009), que entrevistou indivíduos não transgéneros e pediu que falassem sobre transgéneros e referissem alguns aspetos sobre os mesmos. Não encontrou qualquer referência, por parte dos entrevistados, a aspetos ou características que valorizassem os transgéneros como cidadãos. O autor conclui assim que, evidentemente, a desinformação parece justapor-se ao preconceito, especialmente se este último for tido como julgamento *a priori*, produzido num contexto de ausência de informações exatas e confiáveis, resultando em leituras superficiais e aparentes dos indivíduos considerados “diferentes”.

Existe uma descredibilização e rejeição destes indivíduos por parte da sociedade, que os interpreta de forma sócio-desvalorizada (Ferreira, 2009). Isto pode acontecer pelo facto da comunicação entre a sociedade e os transgéneros ser mediada pelo corpo, e é neste

processo de interação social que se efetiva a troca do que Goffman (2005 *cit in* Ferreira, 2009) denomina informação social. Esta comunicação e troca de informações servem para que um indivíduo expresse as impressões que pretende causar no outro, assim como aquelas que o outro formará sobre ele. Ora, o corpo dos transgêneros é um aspeto muito importante deste processo, pois sendo um corpo modificado que desafia a condição biológica, é uma fonte capaz de transmitir uma diversidade de informações para a sociedade.

Antes de se avançar, importa referir ainda um outro aspeto que foi alvo de atenção de Pelúcio (2005), que diz respeito ao facto de ser muito importante quando se fala de transgêneros não se falar de forma generalizada e monolítica pois pode ser simplificador, na medida em que exclui as singularidades de cada trajetória e as especificidades de cada caso, como se tem vindo a notar ao longo deste trabalho.

1.4. Trabalho sexual e transgenderismo

Como já referimos anteriormente, existem cada vez mais transgêneros (principalmente travestis e transexuais) no comércio sexual. Desta forma, o mundo do trabalho sexual cruza-se, cada vez mais, com as questões de identidade de género. Como refere Pourette (2005), transexualidade e prostituição estão fortemente associados e, em alguns casos, a transformação física precede a entrada na prostituição. São diversos os autores que referem a dificuldade de inserção laboral como um dos principais motivos de entrada dos transexuais no trabalho sexual (Pourette, 2005; Oliveira, 2008; Ferreira, 2009; Cortez *et al.*, 2011; Nemoto *et al.* 2011). Existe realmente uma grande rejeição e discriminação deste grupo de pessoas, que, na maioria dos casos, decorre já durante o percurso escolar e implica o abandono, comprometendo assim a sua formação (Ferraz *et al.*, 2006; Oliveira, 2008). Devido a esta falta de formação e educação, as barreiras na inserção laboral são ainda maiores (Nemoto *et al.* 2011). Assim, o trabalho sexual coloca-se como uma das poucas opções que os transexuais têm.

Em outros casos, a transformação permite poder continuar na atividade e permanecer no trabalho sexual, sendo este o caso dos travestis. Um percurso possível neste caso é o referido por Pourette (2005), segundo o qual os homens TS, com o avançar da idade, têm menos clientes e menos procura, e uma forma de continuarem no trabalho sexual e tornarem a atividade mais rentável é travestirem-se. Os TS travestis maquilham-se, usam peruca e adotam alguns trejeitos e comportamentos femininos quando estão a trabalhar, mas não se

sentem com uma identidade de género feminina e conservam a sua identidade masculina fora do trabalho sexual. No entanto, precisam de investir no corpo e na imagem para se tornarem o mais atraentes possível, pois quanto mais femininos forem, maiores serão as possibilidades de terem mais clientes (Ferreira, 2009).

Pode-se então concluir que, existe uma forte correlação entre identidade de transgénero e trabalho sexual, e a própria história dos transgéneros mostra como o trabalho sexual passou a ocupar um lugar central na vida destes indivíduos (Kulick, 1998, Benedetti, 2005 *cit in* Garcia & Lehman, 2011)

Os transgéneros têm poucas oportunidades devido à rejeição social de que são vítimas, o que impede e dificulta o seu acesso a qualquer atividade reconhecida, pelo que a prostituição representa um dos únicos meios de sobrevivência (Pourette, 2005). Deparam-se ainda com diversas questões e desafios, como a perda da família e da estabilidade económica, aliado ao estigma social e todos estes aspetos contribuem para o isolamento e, podem ainda conduzir a diversos problemas de saúde física, mental e psicológica, como ausência de bem-estar e baixa autoestima. Todos estes fatores podem levar estes indivíduos a entrarem no mundo do trabalho sexual (Ditmore, 2006), onde, depois de envolvidos, a relação entre estigmatização e opção do trabalho sexual se torna um ciclo vicioso - quanto mais estigmatizados, menos hipóteses têm de conseguir outra profissão, continuando assim no trabalho sexual (Garcia & Lehman, 2011).

Parte do trabalho sexual está ligado a situações de alto risco, tais como o abuso de drogas, o sexo inseguro, o abuso físico e sexual, o isolamento social e o estigma social. Isto aumenta a vulnerabilidade destes indivíduos a todos os níveis, especialmente à doença mental e ao VIH (Nemoto *et al.*, 2011). Ferraz *et al.* (2006) verificaram que os profissionais do sexo transexuais que entrevistaram possuem conhecimento sobre as formas de transmissão do VIH, assim como de prevenção, e reconhecem que têm um risco elevado de contrair o vírus. Este aspeto é muito importante e cada vez mais existe preocupação de se incidir sobre ele. Por este motivo, o trabalho desenvolvido por equipas de Redução de Riscos e Minimização de Danos (RRMD), é cada vez mais significativo. Estas equipas, que intervêm cada vez mais junto dos TS, têm como objetivo informar, prevenir e alertar para os riscos a que estes trabalhadores estão expostos.

Uma outra dificuldade referida pelos TS transgéneros é a de conseguirem um relacionamento amoroso estável. Apesar de tentarem construir uma relação estável com alguém, as pressões sociais conduzem frequentemente à rutura (Pourette, 2005), e muitos transgéneros escondem que são TS, porque têm medo que não seja aceite pelo namorado/a.

Obviamente que esta ocultação causa ansiedade e angústia, e os companheiros acabam por descobrir, e a maioria não aceita. No entanto, alguns transgéneros referem conseguir manter relações saudáveis, estáveis e satisfatórias.

Como se pode constatar, as dificuldades e aspetos negativos de ser TS, por si só já são bastantes, aliadas ao facto de ser transgénero, as consequências aumentam, sendo os indivíduos alvo de maior discriminação e preconceito, que se refletem numa rejeição social e estigma por parte da sociedade, ainda maioritariamente transfóbica.

Apesar de serem referidos muitos aspetos negativos do trabalho sexual, Ditmore (2006) elaborou um conjunto de aspetos que alguns TS transgéneros referiram como sendo positivos no seu trabalho, a saber: podem ter conhecimento e contacto com outros membros de comunidades transgéneros através do seu trabalho, têm uma sensação de autonomia e administram o seu próprio negócio, têm acesso a uma diversa variedade de experiências sexuais, TS transgéneros podem unir-se aos TS não transgéneros e aliar-se numa luta da discriminação do trabalho sexual e direitos civis para todos os géneros e minorias sexuais, entre outros.

Também Nureña *et al.* (2011) referiram que o trabalho sexual não tem de ser negativo, nem associado à marginalidade, à toxicodependência, à degradação e pobreza, etc. De acordo com estes autores, o trabalho sexual já não é visto como a última alternativa de mulheres que não encontram outra forma de conseguir dinheiro para sustentar a casa e os filhos. Além de ser um trabalho escolhido cada vez mais por homens e transgéneros, e não apenas um trabalho de mulheres, é também visto como uma opção de trabalho, uma escolha racional na procura de novos ganhos, prazer e diversão e como uma alternativa a outras formas de emprego por ser mais rentável (Lukenbill, 1985, Weisberg, 1985, Calhoun, 1996, Uy et al., 2004 *cit in* Nureña *et al.*, 2011) e permitir uma maior independência, consumos e estilo de vida da classe média e acesso a ambientes e símbolos de prestígio da classe alta (Nureña *et al.*, 2011).

2. Metodologia

2.1. Objeto e Objetivos

A presente investigação tem como objeto o trabalho sexual de transgéneros. Dada a escassez de investigação científica em Portugal sobre o tema, este é um estudo exploratório, que visa não apenas descrever, mas também compreender e interpretar o objeto de estudo.

Para tal, definimos os seguintes objetivos para a nossa investigação:

1. Conhecer as características dos TS transgéneros;
2. Perceber qual a relação entre trabalho sexual e transgenderismo;
3. Compreender as especificidades do trabalho sexual de transgéneros;
4. Conhecer os aspetos positivos e negativos do trabalho sexual praticado por transgéneros;
5. Perceber o posicionamento dos TS transgéneros relativamente ao sexo comercial.

2.2. Método

Tendo em conta o objeto e os objetivos definidos, consideramos a metodologia qualitativa a mais adequada, por fornecer uma compreensão profundada dos fenómenos sociais (Lessard-Hebert, Goyette & Boutin, 1994; Silverman, 2000). Como refere Silverman (2000), a escolha entre os diferentes métodos de investigação (qualitativo ou quantitativo) depende do que se está a investigar. As técnicas qualitativas são um dos meios mais adequados ao estudo da produção e circulação de sentido, especialmente no estudo de problemas emergentes em populações escondidas (Esteves, 1998). O mesmo autor refere ainda que a prostituição, assim como outros fenómenos (como a violência na família, a corrupção ou o uso de droga), é um exemplo excelente, quer de uma problemática emergente, quer de uma população oculta.

Desta forma, quando se pretende estudar as práticas e os comportamentos de populações ocultas e dado o seu carácter transgressivo perante a norma, as estratégias de investigação qualitativa são formas privilegiadas de iniciar uma aproximação aos contextos naturais de vida onde o desvio ocorre e, assim, “captar os aspetos da realidade que não são quantificáveis nem manipuláveis estatisticamente” (Romani *et al.*, 1986 *cit in* Fernandes,

1989, p.336). Também o facto da investigação qualitativa ter um carácter de proximidade entre o investigador e os participantes, centrada na construção de sentido (Gauthier, 1987 *cit in* Lessard-Hebert *et al.* 1994), torna este método de investigação o mais adequado ao estudo destas populações.

Através do método qualitativo, o investigador tem a possibilidade de tomar conhecimento dos fenómenos a partir de quem os pratica e de acordo com a perspetiva dos mesmos e do contexto onde ocorrem. A partir daí, faz a sua própria interpretação, que, segundo Holand (2006), origina uma síntese holística desses mesmos fenómenos. Deste modo, a análise da informação e a construção do conhecimento é feita de forma mais intuitiva e mais adaptável a hipóteses não previstas (Bardin, 2011). Por outras palavras, trata-se de uma abordagem indutiva, que privilegia o contexto da descoberta como contexto de partida da investigação, onde não existem hipóteses totalmente pré-definidas, mas sim objetivos e é no decurso e no final da investigação que as hipóteses vão surgindo (Lessard-Hebert *et al.* 1994), isto é, é uma investigação que gera hipóteses em vez de as testar (Hammersley, 1992 *cit in* Silverman, 2000).

Pretendemos assim caraterizar e definir os TS transgéneros, as suas práticas e o significado que lhes atribuem, considerando que a metodologia que mais se adequa a estes objetivos é a qualitativa, pois permite compreender e interpretar o fenómeno, através dos seus atores e do contexto onde ocorre, e ainda visualizar e fazer uma leitura abrangente do mesmo. Para concluir podemos dizer que este é um estudo mais intensivo do que extensivo (Esteves, 1998).

2.2.1. Participantes

No nosso estudo participaram sete TS transgéneros, com uma média de idades de 25 anos. Dois dos participantes identificaram-se como travestis e cinco como transexuais de homens em mulheres (MTF). Quase todos os participantes têm nacionalidade brasileira, sendo apenas dois portugueses. Quanto à orientação sexual, dois são homossexuais e cinco heterossexuais. A tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dos participantes.

Participante	Idade	Nacionalidade	Escolaridade	Orientação Sexual	Condição de transgênero
P1	20	Luso-Brasileira	A frequentar uma Licenciatura	Homossexual	Travesti
P2	18	Portuguesa	11º ano	Heterossexual	Transexual
P3	22	Portuguesa	< 9º ano ³	Heterossexual	Transexual
P4	35	Brasileira	Licenciatura em Direito	Heterossexual	Transexual
P5	27	Brasileira	11º ano	Heterossexual	Transexual
P6	25	Brasileira	12º ano	Heterossexual	Transexual
P7	30	Brasileira	A frequentar uma Licenciatura	Homossexual	Travesti

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes

2.2.2. Instrumento: A entrevista

Para a recolha de dados utilizámos uma entrevista semiestruturada, por nos parecer o instrumento mais adequado aos nossos objetivos. A entrevista é, de acordo com Fontana e Frey (1994 *cit in* Aires, 2011), “uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano” (p.27). Ainda mais, é um método de recolha de dados fidedigno que nos permite escutar e compreender a perspetiva do sujeito, atribuindo-lhe, de certa forma, alguma visibilidade (Rubin & Rubin, 1995), pois privilegia a fala dos atores sociais (Fraser & Gondim, 2004).

Pretendemos assim, dar voz ao sujeito e compreender a sua perspetiva (Burton, 2000; Fraser & Gondim, 2004), tal é possível com a entrevista qualitativa pois esta propicia uma situação de contacto, ao mesmo tempo formal e informal, de forma a incitar um discurso, de certa forma, livre, mas que atende aos objetivos da investigação e que é significativo no contexto estudado (Duarte, 2004).

Consideramos então, que a entrevista semiestruturada é a mais ajustada. Este tipo de entrevista deixa o sujeito livre para falar e dizer o que quiser quando lhe é colocada a questão/tema, mas existe uma linha orientadora que o entrevistador nunca deixa de seguir. Portanto, sempre que o entrevistado se distancia do tema que está a ser abordado, o

³ Esta participante não quis especificar concretamente qual a sua escolaridade, argumentando que a considerava tão baixa que até tinha vergonha de a mencionar. Assim, referiu apenas que a sua escolaridade era inferior ao 9º ano.

entrevistador redireciona-o para o mesmo (Bartholomew, Henderson & Márcia, 2000 *cit in* Fraser & Gondim, 2004).

Assim, elaboramos um conjunto de tópicos/temas a serem abordados, que serviram de guia durante a entrevista. Começamos por elaborar o guião com base na revisão da literatura efetuada, incluindo um conjunto de questões que consideramos relevantes para a compreensão do nosso objeto de estudo. A partir deste guião, realizámos uma entrevista exploratória, com um TS transgénero. Desta forma, foi possível reformular o guião inicial, reorganizando os temas e a forma de exploração dos mesmos, retirando algumas questões e introduzindo outras que pareceram mais adequadas para a obtenção de dados mais fidedignos e de informação mais relevante sobre a população em estudo. Construímos assim um guião definitivo que usámos nas restantes entrevistas e que abrange seis grandes temas, que se subdividem em questões mais particulares (*cf.* Anexo I).

2.2.3. Procedimentos

Sabíamos desde o início que o acesso a esta população não ia ser fácil dadas as suas características. Trata-se de uma população escondida, por ser bastante discriminada e alvo de preconceito, estigmatização, exclusão, marginalização, descrédito, desvalor, injustiça social e até agressões. A prostituição não é aceite pela população em geral, muito menos o é a prostituição masculina e, ainda mais especificamente, a que é realizada por transgéneros. Isto leva a que estes sujeitos desconfiem de todos os que se aproximem deles e que não sejam potenciais clientes.

À semelhança do que Fernandes e Carvalho (2000) referiram no seu trabalho, também aqui podemos falar numa população oculta, que faz parte de um grupo mais alargado designado de “populações especiais”, que se caracterizam essencialmente pela difícil acessibilidade, devendo-se isto sobretudo ao carácter moral, legal e socialmente reprovável que é atribuído a esta população.

Tendo tudo isto em conta, inicialmente, definimos que o método de *snowball* seria o mais indicado para conseguirmos a nossa amostra, uma vez que tínhamos a ajuda de uma mulher TS que se disponibilizou a fornecer alguns contactos de TS transgéneros. O objetivo era começar por contactar um TS transgénero disposto a colaborar no nosso estudo que, por sua vez, nos iria indicar um trabalho outro TS disposto a ser entrevistado e assim sucessivamente. No entanto, este método acabou por não se tornar viável uma vez que não conseguimos efetuar nenhuma entrevista presencial aos TS contactados por serem sempre desmarcadas em cima da hora. Sabíamos que esta população nos iria limitar o acesso, por

receio da exposição pública, apesar de termos informado e esclarecido previamente das questões da confidencialidade e anonimato, mas não prevíamos que as dificuldades tornassem impossível a realização de qualquer entrevista.

Vendo cada vez mais afastada a hipótese de conseguir efetuar entrevistas presenciais e percebendo que o tempo disponível estava a escassear, decidimos tentar uma outra estratégia para a obtenção de entrevistas. Assim, consideramos a hipótese de efetuar entrevistas telefónicas, tendo em conta que a entrevista pode adotar uma grande variedade de usos e uma grande multiplicidade de formas, que podem ir desde a mais comum, a entrevista presencial individual, à entrevista de grupo, ou mesmo às entrevistas por correio, telefone ou computador (Fontana & Frey, 1994 *cit in* Aires, 2011). Então, sabendo que a entrevista por telefone pode ser igualmente rica e produtiva, decidimos avançar com este procedimento.

Para procedermos às entrevistas telefónicas, seleccionámos alguns anúncios da secção “Relax” do Jornal de Notícias, bem como de um *site* da internet de anúncios relativos a trabalho sexual. Escolhemos, primeiramente, os anúncios da zona do Porto, para o caso de algum entrevistado se disponibilizar para uma entrevista presencial e, portanto, ser mais fácil a deslocação. Com o avançar do tempo, dada a dificuldade de conseguirmos entrevistas mesmo telefonicamente, fomos contactando todos os números independentemente da zona do país. A seleção dos contactos, principalmente da página *online*, teve ainda em conta a fotografia e apresentação dos TS disponibilizadas no anúncio, de forma a tentarmos perceber se se tratavam de transexuais ou de travestis, com o objetivo de conseguirmos um equilíbrio da amostra entre o número de TS travestis e o número de TS transexuais. Contudo, acabamos por não conseguir esse equilíbrio, como pode ser verificado na caracterização dos participantes, tendo assim um número de participantes TS transexuais superior ao número de travestis.

Depois de seleccionados os contactos, procedíamos às chamadas telefónicas, começando por fazer uma apresentação, na qual informávamos o TS sobre o nosso estudo, sobre o que pretendíamos, sobre questões relacionadas com a confidencialidade dos dados e pedíamos um consentimento informado verbal. Esta apresentação era feita a partir de um texto escrito (*cf.* Anexo II) de forma a assegurar que as informações fornecidas eram sempre verbalizadas da mesma forma.

Sempre que o/a TS se disponibilizou a colaborar connosco, avançamos com a entrevista. Nenhuma entrevista foi gravada por constrangimentos ao nível das condições sonoras. Assim, optámos por registar com o máximo de fidelidade a informação fornecida

pelos participantes. Sabemos que com esta opção a riqueza das entrevistas fica, de certa forma, comprometida, mas ao longo da realização das mesmas percebemos que conseguíamos registar tudo o que o entrevistado dizia, devido à forma tranquila e sem pressa, como todas as conversas decorreram.

Os dados foram recolhidos entre Junho e Setembro de 2014. Efetuamos um total de 26 chamadas telefónicas, das quais três não foram atendidas e, 23, apesar de terem sido atendidas, os indivíduos não se disponibilizaram para a entrevista. Relativamente a estas últimas, sete dos indivíduos contactados disseram não dar entrevistas, seis referiram não ter tempo ou “ter a vida demasiado ocupada” e, três disseram para ligar mais tarde mas nunca mais atenderam. De todas as chamadas, apenas um indivíduo reagiu de forma desagradável ao contacto.

As entrevistas realizadas tiveram uma duração média de 43 minutos, sendo que a mais curta durou 30 minutos e a mais longa, 70 minutos. Quatro dos participantes disponibilizaram-se a ser contactados posteriormente caso necessitássemos de mais alguma informação.

2.2.4. Análise dos dados

Para analisar os dados que obtivemos, recorremos à análise de conteúdo tal como proposta por Bardin (2011). Consideramos que este método de análise é o mais adequado dado o carácter exploratório da nossa investigação, e por não termos hipóteses definidas previamente, mas sim questões que orientam a investigação. Este tipo de análise permite-nos utilizar uma lógica indutiva, sendo assim a investigação e os dados obtidos que geram as hipóteses.

Após o final da recolha dos dados, procedemos a uma leitura flutuante das entrevistas realizadas para adquirirmos uma visão geral e compreensiva do conteúdo obtido. Tendo em conta os objetivos do nosso estudo e o guião utilizado nas entrevistas e os seus temas, utilizámos uma análise categorial. Quanto às categorias, o processo de análise pode considerar-se misto, na medida em que já tínhamos algumas categorias definidas antes da análise e outras foram construídas ao longo da mesma. Da análise realizada resultaram três grandes temas, que por sua vez se dividem em categorias e subcategorias (*cf.* Anexo III).

Terminado este processo de categorização, realizamos uma leitura compreensiva e interpretativa dos dados de forma a perceber o que poderíamos concluir a partir de cada categoria, tendo em conta o seu conteúdo e de que forma articular esse conteúdo com os objetivos da investigação e com a literatura revista.

3. Apresentação e discussão dos resultados

3.1. Questões relacionadas com a condição de transexual

Neste ponto analisaremos apenas as questões relacionadas com a condição de transexual, apesar dos participantes do nosso estudo serem travestis e transexuais, porque os TS travestis que entrevistamos travestem-se apenas para o trabalho sexual. Assim, as questões relacionadas com a condição de travesti serão analisadas apenas no ponto relativo ao trabalho sexual – ponto 3.2.

Relativamente aos transexuais, a idade em que começaram a sua identificação com o género oposto foi, para todas as participantes, a infância. Todas as transexuais entrevistadas referem que, na infância, tinham brincadeiras de menina, relacionavam-se mais com meninas, gostavam de vestir roupas femininas e sempre notaram que algo não estava bem com elas. Deste modo, afirmam que não se sentiam bem no corpo de rapaz, nem se identificavam com os padrões de género masculino que lhes eram impostos.

Em termos de orientação sexual, dizem que sempre se sentiram atraídas por homens e que, na adolescência, começaram a assumir-se como homossexuais, como forma de justificarem a atração pelo mesmo sexo. Contudo, afirmam que sabiam que eram mulheres.

No entanto, afirmam que, apenas na adolescência, por volta dos 13/14 anos, se assumiram como mulheres perante a família e revelaram socialmente a sua identidade de género, começando a vestir-se como mulheres e a comportarem-se como tal. Para todas as entrevistadas, este foi o primeiro comportamento que adotaram no processo de transformação. Embora de forma diferenciada, pois umas fizeram-no de maneira mais visível do que outras, todas assumiram que começaram a sua transformação física na adolescência. Relativamente à toma de hormonas, quatro transexuais dizem ter iniciado a sua ingestão por volta dos 15/16 anos e apenas uma iniciou a toma mais tarde, com 22 anos. Quase todas as participantes tomam hormonas sem supervisão médica, à exceção da P5, que é acompanhada atualmente por uma equipa médica. Todas referem estar conscientes dos riscos da autoadministração.

No que respeita a implantes, três das participantes não têm qualquer tipo de implantes, embora duas destas tenham intenção de vir a coloca-los, principalmente nos seios. Duas já realizaram algumas cirurgias estéticas, tendo colocado silicone nos seios e nas nádegas, e desejam ainda fazer algumas correções estéticas no rosto e nas cordas vocais, para tornar a

voz mais feminina. Uma das participantes (P5) refere não ter intenção de colocar qualquer tipo de implante.

Relativamente à cirurgia de mudança de sexo, todas as transexuais entrevistadas desejam realizá-la, sendo que uma delas prevê fazê-lo brevemente, estando para isso a ser acompanhada no SNS. Duas participantes pretendem vir a fazer a cirurgia de mudança de sexo fora de Portugal, tendo referido que não tinham conhecimento de que tal era possível fazer cá, e duas dizem ter intenção de realizar a cirurgia em contexto português. Todas as mulheres têm bem definido quando pretendem realizar a cirurgia, sendo o período entre os 30 e os 35 anos o escolhido.

De acordo com o que é referido pela maioria das entrevistadas, todo o processo de transformação tem como objetivo o alcance de uma imagem totalmente feminina e o mais natural possível. Serve também para elas se sentirem bem, se sentirem mais femininas e, deste modo, mais completas e não para terem mais procura e, logo, mais lucro no trabalho sexual, porque antes de serem TS são transexuais. Parece-nos que a transformação física é considerada por estas mulheres como uma confirmação da sua identidade, dada a importância que elas lhe atribuem. Ou, como diz Benedetti (2000 *cit in* Ferreira, 2009), as alterações físicas são muito importantes para os transexuais, pois a alteração do corpo é um processo inerente à construção da sua identidade. Tal vai ainda de encontro ao que defende Pelúcio (2005) acerca da mudança física dos/as transexuais como sendo um processo de construção do corpo desejado, com o objetivo de se tornar uma mulher bonita e atraente.

O início do processo de transformação física, pela visibilidade que implica, coincide com o momento em que começaram a ser alvo de maior rejeição a nível familiar. No caso de três das entrevistadas (P2, P3 e P6), a família não aceitou a transexualidade, o que levou a que elas saíssem de casa durante a adolescência. A saída precoce de casa deixou-as sozinhas e sem apoio, o que levou à impossibilidade de continuarem a estudar, o que resultou numa baixa escolaridade que é apresentada pelas três participantes referidas. Além disso, a dificuldade de inserção laboral, dada a baixa escolaridade, juntamente com a sua condição de transexual, levou a um início precoce do trabalho sexual comparativamente com as restantes TS. Esta relação entre transexualidade, rejeição familiar, abandono escolar falta de formação escolar e, mesmo, profissional e dificuldades de inserção laboral faz com que o trabalho sexual se coloque como uma das poucas opções que os transexuais têm. Tal vai de encontro ao que é referido por alguns autores, como, por exemplo, Ferraz *et al.* (2006), Oliveira (2008) e Nemoto *et al.* (2011).

Outro aspeto negativo referido como consequência do processo de transformação

física é a discriminação social, sendo apontada como a mais significativa e a mais recorrente comparativamente com a rejeição familiar, a influência nas relações afetivas e os aspetos relacionados com a fisiologia sexual masculina. As transexuais referem ser alvo de discriminação e rejeição social devido ao seu aspeto e a alguns sinais físicos, como, por exemplo, a sua voz masculina. Duas das participantes referem ainda uma dupla estigmatização: pela condição de transexual e pela nacionalidade brasileira.

Relativamente a esta discriminação, pela análise do discurso das transexuais entrevistadas, parece-nos ser de concluir que estas usam técnicas para tentar minimizar a rejeição de que são alvo. Assim, para tentar que as atitudes discriminatórias sejam reduzidas, elas dizem procurar a discrição, pois acreditam que a imodéstia pode originar ou exacerbar a discriminação. P3, por exemplo, afirma:

A discriminação que existe contra nós, na maioria dos casos, os culpados são os próprios transgéneros, porque chegam e fazem questão de mostrar o que são e que estão ali, dão nas vistas. Eu não, eu sou subtil e discreta, sou eu normalmente, tento agir naturalmente.

Talvez por isto, todas as transexuais entrevistadas referiram que, apesar da discriminação, de uma forma geral, consideram que tiveram uma boa aceitação e conseguiram uma boa integração, pois acreditam que conseguem contrariar os estereótipos que existem acerca das transexuais.

Simultaneamente, as transexuais que entrevistamos parecem racionalizar as ações de que são alvo, dizendo que não as tomam em consideração – “Eu sigo em frente, não fico a pensar no que me disseram ou a julgar a pessoa, não dou muito valor.” (P3).

Um outro aspeto negativo, referido por duas das transexuais, é o desconforto que lhes causa ter pénis. Estas transexuais dizem não gostar da sua imagem física e exemplificam com o impacto negativo motivado pela confrontação com a sua imagem no espelho – “Não gosto de me olhar ao espelho e ver lá um pénis, não me sinto bem” (P2). Contudo, apesar do impacto negativo originado pelo facto de terem pénis, elas reconhecem que o seu órgão sexual masculino é imprescindível para o exercício do trabalho sexual.

Três das participantes referem ainda que a condição de transexual interfere negativamente nas suas relações afetivas. Estas participantes afirmam já ter tido experiências de relacionamentos amorosos que não foram bem-sucedidos pelo facto de serem transexuais e afirmam que não têm de momento nenhuma relação amorosa por ser difícil conseguirem uma relação estável e conquistarem alguém que as valorize e que sintam que tenha por si

sentimentos verdadeiros. Ainda mais, dizem que, no atual momento, desejam dedicar-se ao seu trabalho para reunirem condições económicas que lhes permitam alcançar os seus objetivos, principalmente a realização da cirurgia de redesignação sexual.

Por fim, importa referir um aspeto relacionado com a questão da identidade de género referido pelas participantes. Quando questionadas: “Como se define?”, se, por um lado, elas têm consciência da sua condição de transexuais afirmando sentirem-se mulheres apesar de terem um corpo de homem: “Nasci homem mas sempre fui uma mulher” (P4), “Sou uma mulher presa num corpo de homem” (P2), se identificaram como transexuais e perceberem o conceito de transexual, por outro lado, por vezes, nota-se uma certa imprecisão ou hesitação em se associaram a esta categoria, dizendo por exemplo: “Há o homem, a mulher e eu” (P6). A participante que defendeu isto, não pode afirmar que é uma mulher porque na realidade não o é na totalidade por ainda ter um órgão sexual masculino, mas também não é homem, porque está “presa” num corpo considerado “errado” ela sente-se mulher. Então, refere ser “ela”, como uma categoria diferente e própria, não se encaixando em nenhuma das categorias existentes no sistema binário de género, que preconiza que ou se é homem ou se é mulher. Tal vai de encontro ao referido por Pourette (2005), acerca da multiplicidade de nomes e imprecisão das definições, que levam a alguma dificuldade em compreender os fenómenos a que se referem, tendo nós, para tal, de tentar explorar e perceber como a entrevistada se sente e como se identifica.

Uma outra entrevistada, P4, refere: “Somos incógnitas para nós mesmas, é normal que os outros e a sociedade também não nos compreenda nem aceite” e refere ainda que a transexualidade é “genética, está na genética esse sentimento de ser mulher”. Julgamos que com isto, ela quis dizer que já nasceu assim, num corpo de homem mas com uma identidade de género feminina. Todas as participantes disseram ter sido muito difícil, na infância, compreenderem o que se passava com elas e, se algumas atualmente não têm dúvidas e estão certas do que são – mulheres – outras, não se enquadram na categoria de género binária, autosituando-se numa categoria diferente – nem homem, nem mulher, mas elas próprias.

3.2. Questões relacionadas com o trabalho sexual

Foi nosso objetivo perceber qual a relação entre trabalho sexual e transgênderismo. Uma vez que as trajetórias de vida dos/as entrevistados/as englobam uma diversidade de percursos e motivações até se tornarem TS, achamos que devíamos analisar separadamente

as entrevistas dos TS travestis e dos TS transexuais.

3.2.1. Das transexuais

Relativamente à idade de entrada no trabalho sexual das transexuais entrevistadas, se a maioria o fez já na idade adulta, depois dos 20 anos, duas delas iniciaram-se na atividade durante a adolescência.

Quanto ao motivo de entrada, todas referem a necessidade económica como principal razão. Além de referirem ser muito difícil a inserção laboral, devido à sua condição de transgéneros, apontam também como principal motivação para a entrada no trabalho sexual, a transformação física em mulher. Vejam-se as seguintes respostas: “Queria dinheiro para fazer a operação, e em nenhum outro trabalho ia conseguir esse dinheiro, iria demorar anos, e talvez nem conseguisse outro trabalho, e então aí eu entrei.” (P6); “Obviamente que o dinheiro me atrai e eu penso no que quero, nas mudanças que quero fazer no meu corpo e tenho de pensar no futuro, e esta é uma forma de o conseguir.” (P3).

O motivo de entrada no trabalho sexual, segundo as TS transexuais entrevistadas, é puramente económico, sempre com o objetivo de ganharem dinheiro para as operações (implantes de silicone e cirurgia de mudança de sexo) e, também de guardarem dinheiro para o futuro, garantindo assim alguma estabilidade e segurança. Isto porque também é objetivo de todas um dia abandonarem o trabalho sexual e conseguirem a inserção laboral. São exemplos de algumas respostas:

Não gosto deste trabalho e quero sair um dia claro, o meu objetivo é ganhar dinheiro, estabilizar a minha vida e depois realizar cirurgias que quero e finalmente ser totalmente mulher e, aí sair definitivamente deste trabalho, cortar mesmo com o passado e viver a minha vida como uma mulher completa e ser cabeleireira. (P5)

Pretendo deixar o trabalho sexual um dia, quando fizer a alteração definitiva quero cortar com o trabalho sexual para sempre, não quero ser puta a vida toda. Nem pensar! Quero ser uma mulher normal e viver normalmente, esquecer que algum dia fiz isto. Mas eu sei que este trabalho me dá muito dinheiro agora e eu preciso dele para o futuro, para garantir os meus objetivos e a minha estabilidade. (P3)

No que respeita à forma de entrada no trabalho sexual, três TS referiram ter entrado sem apoio de ninguém, sendo que duas delas iniciaram o seu trabalho na rua. Relativamente a este aspeto, afirmam ter sido “muito duro e uma integração difícil”, no entanto, com o passar do tempo adaptaram-se e, assim que reuniram condições passaram a exercer o seu trabalho em apartamento. Duas das transexuais disseram ter tido o apoio de amigos ou de

peessoas relacionadas com o meio aquando da sua inserção no trabalho sexual, tendo sido assim mais fácil a sua adaptação. Quando questionadas sobre o tipo de práticas que realizam, apenas uma das entrevistadas afirmou ser exclusivamente passiva, enquanto as restantes são passivas e ativas. No entanto, referem preferir ser passivas por se sentirem desconfortáveis no papel ativo que associam ao masculino. Isto porque, por um lado, as mulheres cisgénero⁴ não penetram, são penetradas e, por outro, elas têm receio de obter prazer sexual através do pénis, órgão sexual com o qual não se identificam. O uso do pénis fá-las sentir que estão a adotar um papel masculino, preferindo a passividade sexual que associam às mulheres.

Como já vimos, existem alguns aspetos negativos e dificuldades associados à condição de transgénero que resultam na discriminação e na rejeição social. Aliados a esses aspetos negativos estão outros que são referidos pelas transexuais e que resultam da sua condição de TS. Destes, o receio das IST é o aspeto mais referido - apesar de ter sido mencionado espontaneamente apenas por duas entrevistadas, as restantes concordaram quando abordamos o assunto. No entanto, todas as participantes disseram ter conhecimento das práticas preventivas, ter muito cuidado e ser acompanhadas por equipas de RRMD, além de fazerem exames e análises regularmente.

Um outro aspeto negativo referido, este apenas por uma das TS, é o desgaste psicológico associado ou resultante do trabalho sexual: “É doloroso ter de passar pelo trabalho sexual, ter muitas más experiências, tudo isto para poder alcançar um único objetivo. É uma coisa que mexe muito comigo, me custa muito, psicologicamente me afeta.” (P5).

A influência do trabalho sexual nas relações afetivas é um outro aspeto referido por uma das entrevistadas - P3 - como sendo negativo. A justificação dada está relacionada com a possibilidade de existir algum tipo de atração e/ou prazer sexual com um cliente e, conseqüentemente, ter sentimentos de culpa e traição para com o namorado. Assim, para evitar esses sentimentos e o desconforto associado, esta TS transexual prefere não manter nenhuma relação amorosa enquanto permanecer no trabalho sexual. Por sua vez, a P4 é casada e diz ter uma relação estável, mas o marido não sabe que ela é TS. As restantes mulheres afirmam que o que interfere nas relações afetivas é a sua condição de transexual, como já vimos e não o trabalho sexual em si, até porque nunca revelam aos companheiros e/ou namorados que o fazem. Esta afirmação torna-se contraditória, pois o facto de não revelarem o seu trabalho aos parceiros é já uma forma de interferência, pois estão a esconder

⁴ Cisgénero designa as pessoas cujo sexo biológico e o género são concordantes.

ou mentir sobre o seu trabalho.

Apesar de todos os aspetos negativos associados ao trabalho sexual que foram referidos, uma entrevistada diz que “apesar de tudo, até hoje este trabalho compensa.” - P6. Isto remete-nos para uma ambivalência ao nível dos significados atribuídos ao trabalho sexual, conferindo-lhe ao mesmo tempo um significado positivo e negativo. Se por um lado o trabalho sexual é um trabalho de que as TS não gostam, que tem aspetos negativos, e que pode até ser doloroso, como foi referido por uma TS, por outro lado, dizem ser um trabalho que compensa e referem aspetos positivos (que iremos ver de seguida). Este tipo de discurso, incoerente e ambivalente, foi também verificado por Oliveira (2008) na sua investigação com TS de rua, transexuais e mulheres. De acordo com os resultados obtidos por esta autora, algumas das TS situam-se nos polos muito positivo ou muito negativo no sentido que atribuem ao trabalho sexual, mas a maioria hesita relativamente ao sentido que lhe atribui resultando, por vezes, em incongruências. Mas mesmo os discursos mais polarizados, diz Oliveira (2008), se analisados pormenorizadamente, também revelam ambivalências. Tome-se, por exemplo, o caso da P4, que afirma não existirem aspetos positivos associados ao trabalho sexual, nem mesmo o ganho monetário uma vez que atualmente se ganha pouco dinheiro com este trabalho. No entanto, refere, para justificar a sua entrada e permanência no trabalho sexual, a remuneração mais elevada, um maior conforto e estabilidade que este trabalho lhe permite obter. O posicionamento ambivalente e discurso incoerente por parte das TS resulta do facto de existirem, simultaneamente, aspetos positivos e negativos, associados a este trabalho. Assim, ao referirem aspetos negativos associados ao trabalho sexual, como, por exemplo, o estigma e a discriminação, racionalizam, por exemplo, com o facto deste trabalho ser uma escolha livre, uma opção consciente e um trabalho como outro qualquer. O discurso da P7 ilustra bem a ambivalência do discurso:

Até gosto de sexo, achei que não era difícil e era uma forma de ganhar mais dinheiro (...) Sim, eu gosto muito de sexo e, por vezes tenho experiências muito interessantes, isso é a parte boa (...) Alguns dias eu me sinto muito mal, psicologicamente muito mal, e não quero falar com ninguém nem fazer nada, só ficar sozinho [este sentimento foi justificado como sendo consequência do trabalho sexual].

As participantes referiram também aspetos positivos da prática do trabalho sexual. Uma delas, a P3, afirma até: “Só vejo vantagens neste trabalho, até porque me vai permitir fazer a mudança total e definitiva.”. Pelo contrário, a P4 diz: “Não vejo aspetos positivos, até porque atualmente nem se ganha muito dinheiro, existe uma subvalorização de nós, que

fazemos este trabalho e agora já não dá para enriquecer.”. Além destas duas respostas opostas, as restantes TS transexuais referem outros aspetos positivos do trabalho sexual, entre eles, aquele que é mais frequentemente mencionado como o mais importante, é o facto de com este trabalho ganharem muito dinheiro e, dessa forma, conseguirem realizar as operações que tanto desejam e garantirem o seu futuro.

Um outro tópico abordado na entrevista refere-se à comparação do trabalho sexual realizado por transexuais com o trabalho realizado por mulheres cisgénero. Também aqui não existiu consenso nas respostas. Uma das entrevistadas disse não saber muito bem realizar essa comparação por desconhecer a realidade do trabalho sexual praticado por mulheres cisgénero. Por sua vez, duas transexuais afirmaram que existem claras diferenças:

Existe diferença, claro, as mulheres é muito diferente, elas cobram um preço muito mais baixo, mas por se privarem de muita coisa, a nível de práticas não fazem muita coisa, não deixam tocar aqui e ali, não fazem anal, e então eles nos procuram, nós temos um papel mais forte dentro do quarto. (P5)

E duas dizem considerar que não existem diferenças:

Agora não existe muita diferença. É diferente do passado, agora as TS são menos valorizadas, porque as mulheres colocaram o sexo muito fácil, elas levam um preço muito baixo, sujeitam-se a mais práticas de risco, por exemplo, sexo oral, e anal sem preservativo e, os clientes procuram mais isso. Além disso há muita oferta, muita concorrência mesmo entre nós transexuais e já não é o que era antes, já não dá muito dinheiro. (P4)

Por fim, quando questionadas sobre quais consideram ser as razões que os clientes têm quando as escolhem, as entrevistadas referem como principais motivos dessa procura a curiosidade, a procura de uma experiência diferente, a excitação e a homossexualidade não assumida. São exemplos de respostas: “Eles nos procuram por curiosidade, porque a gente é um mito.” (P6); “Há aqueles que procuram só para ser penetrados, porque não têm coragem de procurar um homem e há outros que procuram mesmo pela mulher em si, são ativos, mas excita-os ainda mais eu ter um pénis.” (P3); “O homem vem trémulo, com medo, porque vem por impulso, para experimentar.” (P4).

Ainda sobre os clientes mas no que respeita ao tipo de serviço que eles procuram, as entrevistas referem que alguns homens procuram apenas um momento agradável, que passa por uma conversa, troca de beijos e carícias, podendo até nem ocorrer nenhuma prática sexual. Existem ainda alguns clientes que procuram as transexuais com o objetivo de terem

sexo desprotegido, não tendo consciência dos perigos associados a tal prática. As transexuais afirmam ainda, que a maioria dos clientes quer que as TS assumam um papel ativo na relação sexual.

Ainda sobre os clientes, encontramos nas respostas dadas pelas TS, uma diferenciação dos clientes por idades, ou seja, as TS dizem que os homens mais novos que as procuram assumem um papel mais ativo e os mais velhos preferem ser passivos, sendo estes últimos mais exigentes a nível de práticas, por exemplo, querem beijos na boca e carícias sexuais, pois pretendem que o serviço sexual seja justo e compense o dinheiro que pagam. Por fim, importa referir que uma das entrevistadas diz não entender os clientes nem perceber muito bem o que eles procuram nem o porquê, não tendo ainda refletido muito acerca disso por considerar isso irrelevante, uma vez que, o que lhe importa é que o cliente fique satisfeito e volte a procurá-la.

3.2.2. Dos travestis

Os dois TS travestis entrevistados têm em comum o facto de terem entrado há relativamente pouco tempo no trabalho sexual. No entanto, as idades de entrada diferem em uma década, pois um entrou com menos de 20 anos e o outro com quase 30 anos. Ambos os entrevistados, desde o início, deixaram bem claro que são homens, sentem-se homens e agem como homens no seu dia-a-dia e na sua vida *normal*, e apenas se vestem de mulher para o trabalho sexual. Tal como referem: “Sou um homem normal no dia-a-dia, só faço a montagem para trabalhar” (P7); “Sou um homem gay e visto-me de mulher para trabalhar, o resto do tempo atuo como um homem, saio à rua como homem e falo como homem.” (P1). Isto vai de encontro à definição inicial de travestismo, que se refere ao ato de se vestir/travestir com roupas do género oposto para um objetivo específico, neste caso, para o trabalho sexual, não sentindo estes participantes, de forma alguma, qualquer identificação com o género oposto.

Quando questionados sobre o impacto que o ato de se travestir tem sobre eles, os entrevistados dizem que o que mais os incomoda e provoca mal-estar é o trabalho sexual e não o travestismo. O P7 refere que se traveste no trabalho sexual como forma de se proteger e não ser conhecido fora desse contexto. Por sua vez, o P1 diz não se sentir mal nem incomodado por se travestir uma vez que é esse aspeto que o faz ganhar mais dinheiro. Ambos referem ainda não gostar de ser TS nem obter qualquer prazer com este trabalho, considerando até um sacrifício, não só pelos aspetos negativos associados a este trabalho (que irão ser desenvolvidos mais há frente), mas também, pelo facto de, por vezes, o cliente

não ser atrativo nem apresentável. Contudo, afirmam ser um trabalho compensatório a nível de remuneração, tal como o P1 afirma: “ (...) é um sacrifício que compensa muito mais do que custa.”.

Percebe-se assim que o trabalho sexual é, para os entrevistados, mais custoso do que o ato de se travestir, sendo este ato apenas uma forma dos TS travestis desempenharem o seu trabalho, seja como forma de autoproteção, seja como forma de obter um maior ganho monetário e que, apesar de se vestirem de mulher, não se identificam com o género feminino.

Os dois TS travestis referem como motivo de entrada no trabalho sexual, a necessidade económica. Os dois frequentam uma licenciatura e justificam a entrada no trabalho sexual como forma de conseguirem fazer face aos gastos associados ao estudo. No entanto, para o P1 a entrada deveu-se à necessidade económica aliada à oportunidade porque conheceu pessoas relacionadas com o contexto do trabalho sexual na altura certa e perante uma “proposta muito atrativa, de um trabalho fácil de fazer e que se ganha muito dinheiro”, acabou por entrar. No caso do P7, acumula uma outra profissão durante a maior parte do seu dia e o trabalho sexual é considerado por ele um *part-time* para ajudar a fazer face às despesas pessoais e encargos familiares. Estes dados vão de encontro ao resultados obtidos por Oliveira (2013) que também verificou que o principal motivo de entrada no trabalho sexual é a necessidade económica e que em alguns casos o trabalho sexual pode surgir como uma atividade secundária para os momentos de maior necessidade ou mesmo para ter uma qualidade de vida e conforto mais elevados.

Tal como vimos em relação aos transexuais, também o trabalho sexual praticado pelos travestis tem aspetos positivos e negativos associados. Relativamente aos aspetos positivos, de todos os referidos pelos TS travestis, destacam-se dois: o facto de se ganhar muito dinheiro com o trabalho sexual, sendo este referido como o mais importante e, ainda, o facto de ser um trabalho fácil de executar, no sentido de não serem necessários muitos conhecimentos, comparado com outras profissões que exigem a aquisição de competências específicas para serem executadas. Os restantes aspetos positivos referidos vão de encontro a alguns dos aspetos encontrados por Ditmore (2006) na sua investigação, como, por exemplo, a sensação de autonomia e gestão do seu próprio negócio e a variedade de experiências sexuais.

No que respeita aos aspetos negativos, os entrevistados estão de acordo ao referirem a influência negativa do trabalho sexual nas suas relações afetivas. Justificam-no dizendo que, caso o companheiro tenha conhecimento da prática do trabalho sexual, tal compromete a relação, sendo, no entanto, ao mesmo tempo, difícil de esconder e acabar sempre por não

resultar, tornando-se assim difícil manter um relacionamento estável. Tal vai de encontro ao que Pourette (2005) concluiu no seu trabalho: a autora refere que uma das dificuldades, apontadas pelos TS transgéneros que entrevistou é a de conseguirem um relacionamento amoroso estável e, apesar dos TS tentarem manter uma relação duradoura e sólida, as diversas pressões, quer de ordem pessoais, quer social, acabam por conduzir o relacionamento à rutura. Mais dois aspetos negativos são referidos apenas por um dos TS travesti, são eles: os perigos a que está exposto, tornando-o, assim, mais vulnerável a IST e, ainda, o desgaste psicológico que advém do trabalho sexual. Ambos referem ter “práticas preventivas rigorosas”, estar informados e atentos às questões de prevenção. Relativamente ao desgaste psicológico, o P7 afirma o seguinte:

Este trabalho é fácil e difícil ao mesmo tempo. É fácil porque não é preciso muito, não há muito a saber para o fazer e qualquer pessoa pode fazer. É difícil porque eu não gosto, expor a minha intimidade, sujeitar-me a muita coisa, e isso me desgasta psicologicamente, e tem aqueles dias maus.

Nenhum dos TS referiu como aspeto negativo associado ao trabalho sexual o estigma ou discriminação. Estes aspetos são antes associados ao facto de serem brasileiros, que, por sua vez, a população em geral associa à homossexualidade e, isso, consideram, é razão da discriminação que sentem e de que são alvo, mas que ambos os TS ignoram e não se deixam afetar negativamente com isso.

Da mesma forma do que foi feito em relação aos TS transexuais, foi também nosso propósito tentar perceber quais as diferenças, percecionadas pelos TS travestis, entre o trabalho sexual praticado por eles e pelas mulheres cisgénero. A resposta do P1 é clara: “A única diferença entre o que nós fazemos e as mulheres é apenas o dinheiro, nós ganhamos muito mais”. Percebemos que se trata apenas de uma questão monetária e que os TS travestis têm mais procura e consequentemente ganham mais dinheiro e ainda pelo facto de os valores cobrados pelas práticas sexuais serem mais elevados.

Quando questionados sobre os clientes, os entrevistados referem a curiosidade e procura do órgão sexual masculino como principais razões da procura e dizem ainda que, por vezes, alguns clientes “só procuram uma boa conversa, por vezes nem acontece o ato sexual.” (P7).

Por fim, importa referir que, um dos TS equaciona a possibilidade de abandonar o trabalho sexual caso encontre um outro trabalho com a mesma remuneração mensal: “Se eu soubesse de um outro trabalho, qualquer que fosse, que eu ganhasse o mesmo ao final do

mês, eu trocaria, mesmo que fosse em caixa de supermercado.” (P1).

3.3. Posicionamento dos TS transgéneros relativamente ao sexo comercial

Neste trabalho, foi também nosso objetivo tentar perceber o posicionamento dos TS relativamente ao sexo comercial. Por outras palavras, tentamos perceber se os nossos entrevistados percecionam o seu trabalho como uma profissão e, ainda, se consideram que o trabalho sexual deveria ser legalizado em Portugal.

A maioria dos participantes considera que o trabalho sexual é uma profissão como outra qualquer, é uma troca comercial, neste caso a troca de um serviço sexual por um valor monetário. Assemelha-se a outras profissões, havendo TS que têm um horário de trabalho definido e um local destinado para o fazer. Outros acumulam o trabalho sexual com a sua profissão, sendo, como já vimos, considerado um *part-time*. Alguns TS dizem, ainda, ser uma escolha, tendo podido optar por outro trabalho. No entanto, escolheram o trabalho sexual por garantir uma remuneração mais elevada, comparado com outras profissões. A resposta do P3 ilustra o que acabamos de referir:

Isto é uma escolha, ponto. Apesar de ter outros trabalhos pontuais, no verão por exemplo, esta é apenas mais uma forma de ganhar dinheiro, porque se ganha muito muito bem. Eu tento mudar e procurar outras coisas mas em nenhum outro trabalho eu ganho tanto.

Quando questionamos os participantes acerca da legalização do trabalho sexual, todos concordaram que tal deveria acontecer. Uns justificando que seria vantajoso para o país, economicamente, outros dizendo que traria vantagens para os próprios TS. São exemplos de algumas respostas:

Sem dúvida que concordo e sou a favor da legalização. Adoro o exemplo da Suíça, lá há descontos, recibos verdes, mais condições de trabalho, mais proteção policial, as prostitutas e principalmente as transexuais são muito respeitadas e tratadas como rainhas, têm mais apoio na saúde, é melhor em tudo. Mas Portugal está no lixo, sem saída, e nunca vai fazer nada, muito menos algo relacionado com a prostituição. Por isso acho que nunca vai ser legalizado. (P2)

Comparado com outros países, neste aspeto estamos [Portugal] muito atrasados. Por exemplo, na Áustria, todas as semanas as prostitutas têm de fazer exames, é tudo muito controlado, e só quem está bem e cumpre as regras é que pode exercer, e isso aqui no

país seria bom. (P1)

Seria benéfico [a legalização] para muitas pessoas que fazem o trabalho sexual, principalmente para as ajudar a gerir o que ganham, porque muitas pessoas ganham muito durante um tempo e não sabem guardar e pensar no futuro e acabam por ficar sem nada, algumas na miséria. Se fosse legalizado haveria uma segurança para o futuro, como nas outras profissões. (P6)

Apesar de a maioria considerar que o trabalho sexual deve ser legalizado e deve ser considerado uma profissão como qualquer outra, algumas TS afirmam que, caso isso acontecesse, não se assumiriam socialmente como TS, até porque têm intenção de um dia abandonar este trabalho e procurar outra profissão, não querendo, de forma alguma, ficar associadas ao trabalho sexual. Pelo contrário, outras TS dizem que assumiriam sem qualquer problema, considerando que tal só traria vantagens.

Por fim, é ainda referido um outro aspeto pelos participantes: a pouca compreensão e aceitação dos transgéneros, pela população em geral. Tal, deve-se à pouca divulgação e pouca informação que ainda existe sobre este assunto. Alguns entrevistados referem que, seria importante, por parte dos meios de comunicação e nas escolas, por exemplo, uma maior sensibilização para as questões de identidade de género e como estão elas associadas ao trabalho sexual. Alguns exemplos de discurso dos TS sobre este aspeto:

Portugal tem dois lados da moeda: se por um lado em algumas coisas é muito liberal, em outras ainda é muito limitado. Por exemplo, nas questões sexuais, de pudor, nas questões sobre transgéneros, o país não aposta na informação e por isso a sociedade não nos aceita porque não nos entende enquanto TS nem enquanto transgéneros. (P7)

Seria benéfico a legalização, mas deveria existir mais divulgação, mais sensibilização sobre transexuais, porque a maioria das pessoas não sabe, não conhece os termos, quando se falam em transgéneros nem sabem o que isso é e, julgam sem saber como se fosse um crime ou uma aberração. O país e os meios de comunicação apostam pouco nesse tema. (P4)

4. Considerações finais

Com esta investigação concluiu-se que o trabalho sexual praticado por travestis e por transexuais é muito semelhante entre si no que respeita aos percursos e motivações. Mais ainda, verificamos que, a razão de entrada no trabalho sexual, referida quer por travestis quer por transexuais é, principalmente, económica, sendo que na base desta razão económica estão diferentes motivações. Percebemos também, através do discurso das transexuais, que o motivo principal que as leva a entrar no trabalho sexual é a transformação física, isto é, entram neste trabalho para conseguirem obter condições económicas para essa transformação. Além do mais, a sua dificuldade de inserção laboral, relacionada com a condição de transgéneros, tem uma influência significativa na opção por este trabalho. No caso dos dois travestis entrevistados, a entrada e permanência na prostituição tem como principal objetivo alcançar um maior conforto económico para conseguirem, entre outras coisas, frequentar o ensino superior. A opção destes homens em desempenharem o trabalho sexual como travestis relaciona-se, principalmente, com considerarem que, dessa forma, têm mais procura e, por consequência, obtêm maior ganho económico.

Com esta investigação verificamos também que os aspetos positivos e negativos associados ao trabalho sexual tanto pelos TS travestis, como pelos TS transexuais são semelhantes. Os aspetos positivos mais referidos são: o elevado lucro financeiro, uma vasta rede de conhecimentos de pessoas, conhecer lugares e culturas diferentes e a independência económica e gestão do próprio tempo que este trabalho permite. Relativamente aos aspetos negativos, os mais citados são: a influência negativa do trabalho sexual nas relações afetivas, o desgaste psicológico que lhe está associado e ainda os perigos ao nível da saúde. É de salientar, ainda, que os TS revelam uma ambivalência e contraste nos discursos. Se, por um lado, a maioria dos TS referem que o trabalho sexual é positivo, apontando várias vantagens associadas, por outro lado, a maioria também afirma não gostar do que faz, referindo mal-estar por praticarem este trabalho.

Constatámos também que, no que respeita aos clientes, os TS travestis e transexuais apresentam discursos semelhantes afirmando que os principais motivos da sua procura são: a curiosidade, a diferença dos transgéneros comparativamente às mulheres cisgénero, uma maior excitação provocada pelo pénis destes TS e, ainda, uma forma de esconderem ou camuflarem uma orientação homossexual. Quanto ao posicionamento dos TS transgéneros relativamente ao sexo comercial, verificamos uma clara preferência pela legalização deste

trabalho, sendo considerado pela maioria dos participantes uma profissão e, portanto, uma opção de trabalho como outra qualquer.

Apesar de todas as semelhanças entre travestis e transexuais relativamente aos aspetos referidos existe uma diferença entre os dois grupos de transgéneros relacionada com as trajetórias de vida que os levam a entrar no trabalho sexual. No caso dos travestis, a condição de transgénero surge aquando a entrada no trabalho sexual, sendo apenas uma forma de exercerem esse trabalho. No caso das transexuais, subjacente à sua entrada na prostituição está a sua condição de transexual. Verificamos que a identidade de género feminina das transexuais está presente desde a infância, o que leva à rejeição familiar que, por sua vez, conduz ao abandono escolar e, conseqüentemente, à tentativa de inserção laboral. Contudo, devido à baixa escolaridade e, também à condição de transexual que é evidenciada através da transformação física, as oportunidades de emprego são escassas. Dessa forma, uma das poucas opções das transexuais é o trabalho sexual.

Ainda associado à condição de transexual está o estigma e a discriminação social de que as transexuais são alvo. Não é a condição de TS que leva à discriminação, mas sim o facto de serem transexuais. Tal parece dever-se à falta de informação e julgamento moral por parte da sociedade, uma vez que, elaboram a sua opinião na ausência de informações confiáveis, o que resulta em leituras superficiais e aparentes, maioritariamente baseadas e mediadas pela aparência física.

Consideramos que este trabalho e os dados obtidos nos permitiram obter uma maior compreensão sobre o significado do trabalho sexual para os TS transgéneros, sobre as trajetórias e as motivações associadas à entrada dos transgéneros na prostituição e, ainda, no caso particular dos transexuais, foi possível perceber questões mais específicas sobre a sua identidade de género. Percebemos, ainda, com este estudo que, tal como referimos no início deste trabalho, existe uma forte relação entre transgênerismo e trabalho sexual e que é a condição de transgénero, e não a condição de TS, o principal motivo do estigma e discriminação social de que estes indivíduos são alvo.

Tal como já referimos, dado o carácter qualitativo desta investigação, não pretendemos generalizar as conclusões obtidas. No entanto, consideramos que este trabalho pode ter algumas implicações práticas. Entendemos que o que constatámos acerca do impacto psicológico negativo do trabalho sexual é um indicador importante para a intervenção das equipas de RRMD junto dos TS transgéneros. Além disso, consideramos também que este estudo não serve apenas para um conhecimento do fenómeno, tendo uma boa base exploratória que pode permitir dar continuidade à investigação de questões relacionadas com

o trabalho sexual praticado por transgêneros, de forma mais aprofundada e explorando questões mais específicas, como, por exemplo, a ambivalência e contradição no discurso relativamente aos aspetos positivos e negativos do trabalho sexual; questões associadas à saúde psicológica e emocional dos TS de transgêneros, como o isolamento, a depressão e a autoestima, e perceber qual a relação destes com o trabalho sexual e o transgenderismo; e, ainda, questões relacionadas com o controlo sobre as práticas e escolha de clientes por parte dos TS transgêneros.

A nosso ver, as principais limitações do presente estudo assentam na amostra reduzida e na forma de realização das entrevistas, reconhecendo que se tivesse sido possível realizar entrevistas presenciais teria sido possível explorar algumas questões em maior profundidade. No entanto, estas limitações estão relacionadas com a dificuldade em aceder à população em estudo. Talvez com a ajuda de equipas de RRMD, que intervêm com TS, tivesse sido mais fácil chegar a esta população e conseguir a sua colaboração.

Concluindo, consideramos que conseguimos dar uma visão geral acerca do trabalho sexual realizado por transgêneros, mostrando assim quais as diferenças entre o trabalho realizado por eles e o realizado por mulheres cisgênero. Além disso, exploramos também questões relacionadas com a identidade de género, no caso das transexuais, o que a nosso ver é importante, dada a escassa informação que existe no nosso país, acerca das questões de género, mais especificamente, questões associadas à transexualidade. Tal pode contribuir para que se comece a agir no sentido de uma maior sensibilização relacionada com as questões de identidade de género, caminhando assim no sentido de reconhecer e compreender a existência de diferentes identidades de género, ultrapassando a dicotomia de género predominante na nossa sociedade e, ainda, atenuar a associação quase automática que existe entre transgenderismo e trabalho sexual.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- APA (2008). *Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation and homosexuality*. Washington: American Psychological Association. Disponível em: <http://www.apa.org/topics/lgbt/orientation.pdf>
- APA (2009). *Report of the APA Task Force on Gender Identity and Gender Variance*. Washington: American Psychological Association. Disponível em: <http://www.apa.org/pi/lgbt/resources/policy/gender-identity-report.pdf>
- APA (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5ª ed.). Washington: American Psychiatric Association.
- Barbosa, B. (2010). *Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual, Dissertação de Mestrado*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Barbosa, B. (2013). “Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, 14, 352-379.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Bernardo, J., Campos, M. J., Machado, G., Diniz, G., Tavares, J., Vandolly, K. & Júnior, G. S. (1998). *The Portuguese transgender community: an unknown reality*. In 12th World AIDS Conference—Bridging the Gap, Geneva. Disponível em: http://www.google.pt/urlsa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCcQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.transexualia.org%2FDOCUMENTACION%2Filgaporugal.ppt&ei=YjVMKJDbCf7gat2YGIBw&usg=AFQjCNGXsYt_p9YmwHWNfWLp1SI2LeYwMg&bvm=bv.76247554,d.d2s

- Burton, D. (2000). *Research training for social scientists: a handbook for postgraduate researchers*. London: Sage Publications.
- Carvalho, I. P. (2010). Transsexualidade - Vivência do Processo de Transição no Contexto dos Serviços de Saúde. *Acta Médica Portuguesa*, 23 (6), 1001-1010.
- Carvalho, M. (2011). Que mulher é essa? Uma encruzilhada identitária entre travestis e transexuais. *Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Disponível em: http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/91.%20que%20mulher%20%C9%20essa.pdf
- Cortez, F., Boer, D. & Baltieri, D. (2011). A psychosocial study of male-to-female transgendered and male hustler sex workers in São Paulo, Brazil. *Arch Sex Behav*, 40, 1223-1231.
- Ditmore, M. (2006). *Encyclopedia of prostitution and sex work*. Volume 1 e 2. London: Greenwood press.
- Dixon, D. & Dixon, J. K. (1998). She-male prostitutes: who are they, what they do, and why do they do it? In J. Elias, V. Bullough; V. Elias & G. Brewer (Eds.). *Prostitution. On whores, hustlers and johns*. New York: Prometheus Books.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225.
- Durigan, M. & Mina, S. (2007). Sujeito, identidade e representação: entre o discurso oficial e a voz de profissionais do sexo e travestis. *Guavira Letras*, 1, 4, 57-76.
- Duque, T. (2008). Novas travestilidades: notas preliminares de um estudo sociológico com travestis adolescentes. *VIII Encontro Internacional Fazendo Gênero*. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST61/Tiago_Duque_61.pdf
- Esteves, A. (1998). Metodologias qualitativas – Perspectivas gerais. In Esteves, A. & Azevedo, J. (Eds.). *Metodologias qualitativas para as ciências sociais*. Porto: Instituto

de Sociologia.

Fernandes, L. (1989). Estratégia qualitativa de investigação do uso de drogas e da toxicodependência. *Análise Psicológica*, 1-2-3 (VIII), 329-228.

Fernandes, L. & Carvalho, M. C. (2000). Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método do *snowball*. *Toxicodependências*, 6 (3) 17-28.

Ferraz, E., Souza, C., Souza, L. & Costa, N. (2006). Travestis profissionais do sexo e HIV/AIDS: conhecimento, opinião e atitudes. *Anais do XII Seminário sobre a Economia Mineira—Economia, História, Demografia e Políticas Públicas. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional—CEDEPLAR—FACE, UFMG*. Disponível em:
http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A012.pdf

Ferreira, R. (2009). A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. *Ci. Inf*, 38(2), 35-45.

Fraser, M., Gondim, S. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14 (28), 139-152.

Garcia, M. & Lehman, Y. (2011). Issues Concerning the Informality and Outdoor Sex Work Performed by Travestis in São Paulo, Brazil. *Arch Sex Behav*, 40: 1211-1221.

Holand, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363-372.

Lessard-Hebert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Nemoto, T., Bödeker, B. & Iwamoto, M. (2011). Social support, exposure to violence and transphobia, and correlates of depression among male-to-female transgender women

with a history of sex work. *American Journal of Public Health*, 101, 10, 1980-1988.

Nogueira, C. & Oliveira, J. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: CIG.

Nureña, C., Zúñiga, M., Zunt, J., Mejía, C., Montano, S. & Sánchez, J. (2011). Diversity of commercial sex among men and male-born *trans* people in three Peruvian cities. *Culture, Health & Sexuality*, 13, 10, 1207-1221.

Oliveira, A. (2004). *As vendedoras de ilusões. Estudo sobre prostituição, alterne e strip tease*. Lisboa: Editorial Notícias.

Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas: um estudo etnográfico, Tese de Doutoramento*. Porto: FPCEUP.

Oliveira, A. (2011). *Andar na vida: prostituição de rua e reacção social*. Coimbra: Almedina.

Oliveira, A. (2013). *Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e significados* (Relatório de investigação). Porto: FPCEUP.

Pelúcio, L. (2004). Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Anthropológicas*, 15(1), 123-154.

Pelúcio, L. (2005). Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, 25, 217-248.

Pelúcio, L. (2006). Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Estudos Feministas*, 14(2), 522-534.

Plaza, R. (2011). Sexualidades disidentes: entre cuerpos normatizados y cuerpos lábiles. *La Ventana*, 33, 42-72.

Pourette, D. (2005). La prositution masculine et la prostitution transgenre. In M.-E.

Handman J. Mossuz-Lavau (Dir.). *La prostitution à Paris*. Paris: Éditions de La Martinière.

Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (1995). *Qualitative interviewing: the art of hearing data*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Silverman, D. (2000). *Doing Qualitative Research: a Practical Handbook*. Londres: Sage Publications.

Weitzer, R. (2000). Why we need more research on sex work. In R. Weitzer (Ed.) *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.

Anexos

Anexo I: Guião da entrevista semiestruturada

Guião da Entrevista

1. Caracterização sociodemográfica

- Idade
- Nacionalidade
- Nível de escolaridade
- Orientação sexual
- Identidade de género

2. Questões relacionadas com a condição de transgénero

- Início da identificação com o género oposto (se indivíduo se identificar como transexual)
- Processo de transformação
- Impacto, a nível psicológico, social e físico, do facto de se vestir de mulher (se indivíduo se identificar como travesti)

3. História do trabalho sexual

- Idade de entrada
- Razões de entrada
- Forma de entrada

4. Especificidades do trabalho sexual dos transgéneros

- Diferenças relativamente ao trabalho sexual dos outros atores, homens e mulheres: ganhos monetários, clientes, tipos de práticas...

5. Aspetos positivos e negativos do trabalho sexual dos transgéneros

6. Posicionamento sobre o trabalho sexual como profissão

Anexo II: Texto de apresentação do estudo

Apresentação

Chamo-me Belinda Costa, sou aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e encontro-me a desenvolver a minha tese de mestrado sobre trabalho sexual de transgéneros, quer dizer de travestis ou transexuais.

O meu principal objetivo é conhecer os TS transgéneros, compreender o seu trabalho e relacioná-lo com as questões de identidade de género. Para tal necessito de realizar entrevistas, na forma de uma conversa informal, o que poderá ser feito por telefone, caso não haja disponibilidade da sua parte para se encontrar comigo.

Gostaria de saber se está disponível em colaborar comigo.

(Se participante respondesse que sim):

Obrigada. Antes de começar, quero ainda informar que toda a conversa é confidencial, sendo as suas respostas apenas utilizadas para fins de investigação. Mais ainda, apenas responde ao que quiser, podendo desistir a qualquer momento, bastando para isso informar-me que pretende parar.

Se não tiver nenhuma dúvida ou questão, podemos dar início à conversa.

Anexo III: Sistema categorial com exemplos de respostas

Tabela 1: Questões relacionadas com a condição de transexual

Categoria	Subcategoria	Exemplos de respostas dos participantes
Início da identificação	Desde criança ($n=5$)	"Desde pequena me sinto mulher e gosto de homens" (P3)
Processo de transformação física	Idade de início ⁵	"Por volta dos 15 anos me assumi verdadeiramente, comecei a vestir-me de mulher e a tomar a pílula" (P2)
		"E comecei a minha transformação com 22 anos (...)." (P5)
	Toma de hormonas ($n=5$)	"Quando comecei a transformação e a vestir-me de mulher, comecei a tomar hormonas, desde que tenho os implantes deixei de tomar" (P6)
	Vestir-se de mulher ($n=5$)	"Comecei a me vestir de mulher, deixei crescer o cabelo, coloquei unhas e comecei a tomar hormonas" (P5)
	Colocação de implantes/cirurgias estéticas ($n=2$)	"Já coloquei no peito, no rabo, e pretendo fazer algumas correções no rosto, no nariz, nos lábios" (P5)
	Pretende fazer a cirurgia de mudança de sexo ($n=5$)	"Só vou ficar completamente feliz e realizada quando fizer a mudança de sexo" (P2)
Aspetos negativos	Rejeição familiar ($n=3$)	"O meu pai nunca aceitou, rejeitou-me, e por isso eu sai de casa, não aguentava. Além disso não queria estragar o casamento deles, porque a minha mãe aceita e fala comigo, mas estavam sempre a discutir por não concordarem" (P2)
	Discriminação social ($n=5$)	"Nós somos discriminadas mais por ser transexuais, mas também por ser brasileiras, e aí as pessoas associam isso tudo ao trabalho sexual" (P5)
	Relacionados com a fisiologia sexual masculina ($n=2$)	"O órgão sexual tem um impacto psicológico negativo, não gosto de me ver ao espelho e ver lá um pénis, mas sei que neste momento é isso que me dá dinheiro" (P2)
	Influencia nas relações afetivas ($n=3$)	"Aqui é muito difícil, tem de ser escondido, pela nossa condição de transexual" (P6)

⁵ Três das participantes afirmaram que iniciaram a transformação por volta dos 14/15 anos e duas por volta dos 20/22 anos.

Tabela 2: Questões relacionadas com o trabalho sexual: a) De transexuais

Categoria	Subcategoria	Exemplos de respostas dos participantes
Idade de entrada	< 20 anos (<i>n</i> =2)	"Entrei com 16 anos, sai de casa e tive de me virar" (E2) "Já entrei há algum tempo, tinha 17 anos" (E3)
	≥ 20 anos (<i>n</i> =3)	"Comecei há mais ou menos 7 anos" (E4) "Comecei a trabalhar no sexo com 23 anos, quando vim para Portugal" (E5) Eu entrei há cinco anos atrás" (E6)
Motivo de entrada	Necessidade económica (<i>n</i> =5)	"O mercado de trabalho é muito complicado para nós transexuais, se fecham muitas portas, e o trabalho sexual é uma forma de sobrevivência" (E4, 35 anos) "Sai de casa, queria ser livre, independente, mas não consegui nenhum outro trabalho, o trabalho sexual era a única opção de ganhar dinheiro, e como eu sou transexual sabia que era mais fácil" (E2)
Contexto de entrada	Rua (<i>n</i> =2)	"Eu comecei na rua onde estive três anos, até conseguir dinheiro para ter um espaço próprio, um apartamento, e nessa altura deixei a rua" (E3)
	Interior (<i>n</i> =3)	"Nunca estive na rua, quando vim para Portugal vim com uma amiga, e ficamos num quarto alugado, com o tempo fomos ganhando mais dinheiro e conseguimos ter o nosso apartamento" (E5)
Forma de entrada	Sozinha (<i>n</i> =3)	"Comecei na rua, completamente sozinha, foi muito difícil a integração, mas consegui e nunca desisti, nunca fraquejei" (E2)
	Através de amigos (<i>n</i> =2)	"Quando decidi vir para Portugal eu já sabia, já conhecia algumas pessoas que me ajudaram" (E6)
Tipos de práticas	Exclusivamente passiva (<i>n</i> =1)	"Eu sou exclusivamente passiva, aliás faço essa referência no anúncio" (E3)
	Ativa e passiva (<i>n</i> =4)	"No início era só passiva, porque me sentia mal, mas com o tempo e experiência fui fazendo as duas coisas, e agora sou ativa e passiva" (E2)
Aspetos negativos	Receio das IST (<i>n</i> =2)	"Tenho muito receio das doenças e infeções e do contágio, e isso cria muita ansiedade, mas tenho muito cuidado" (E4)
	Desgaste psicológico (<i>n</i> =1)	"Este trabalho me afeta muito a nível psicológico, porque não gosto de fazer, é algo que mexe muito com o meu íntimo" (E4)
	Influência nas relações afetivas (<i>n</i> =1)	"Tinha um relacionamento estável, o meu namorado sabia do trabalho sexual e aceitava, mas eu terminei, porque não me sentia bem, porque em algumas situações sinto prazer com alguns clientes mais atrativos e isso fazia-me sentir desconfortável com o meu namorado, sentia que de certa forma o traía, e então prefiro ficar sozinha enquanto estiver no trabalho sexual" (E3)

Aspetos positivos	Ganhar muito dinheiro ($n=3$)	"Ganhar muito dinheiro sem dúvida, poder ter muita coisa, pagar as minhas contas, ser independente, gerir a minha vida" (E2)
	Experiências sexuais interessantes ($n=1$)	"Eu gosto de sexo, estou sempre pronta para sexo, isso é uma vantagem" (E3)
	Conhecer muitas pessoas ($n=3$)	"As coisas positivas são conhecer muitas pessoas, muito importantes, e são contactos importantes no futuro, porque sei que se um dia precisar tenho sempre algumas pessoas que posso ligar e vão ajudar-me. Também viajo muito, permite-me conhecer muita coisa, ser mais culta, falar melhor" (E3)
	Conhecer muitos lugares e culturas diferentes ($n=3$)	
	Gestão do seu próprio tempo/negócio ($n=2$)	"Eu faço trabalho sexual quando quero, quando preciso mais" (E2) "Posso gerir o meu próprio tempo" (E6)
Comparação com o trabalho sexual praticado por mulheres cisgénero	Não difere muito ($n=2$)	"Acho que agora não difere muito. Antes era diferente porque haviam poucas transexuais, agora há muita oferta e qualquer um coloca uma peruca e é um travesti, isso desvaloriza muito a procura. A diferença que se mantém é que as brasileiras continuam a ser mais procuradas" (E2)
	Existem diferenças ($n=2$)	"Existem claras diferenças, os transgéneros ganham mais dinheiro sem dúvida" (E3)
	Não sabe ($n=1$)	"Eu não sei bem comparar porque não conheço muito bem a realidade de outras mulheres que trabalham nisso. O que eu posso dizer é que sou bem remunerada, mas também depende muito de quem procura" (E6)
Clientes	Motivos da procura	"Nos procuram porque somos uma coisa mística, é um segredo, eles têm curiosidade" (E5)
	O que procuram	"Procuram uma mulher bonita, atraente, com uma pila, é a conjugação perfeita para eles" (E3)
	Diferenças por idade	"Os clientes mais velhos, com mais de 40 anos, são mais exigentes. Quanto mais velhos são procuram transexuais mais novas, mais cuidadas a nível de imagem, e são mais exigentes a nível de práticas, querem tudo a que têm direito" (P5)

Tabela 3: Questões relacionadas com o trabalho sexual: b) De travestis

Categoria	Subcategoria	Exemplos de respostas dos participantes
Idade de entrada	19 anos ($n=1$)	"Entrei há cerca de 7 meses, com 19 anos." (E1)
	29 anos ($n=1$)	"Eu comecei no trabalho sexual há um ano." (E7)
Motivo de entrada	Necessidade económica ($n=2$)	"Precisava de dinheiro para fazer a faculdade, estou sozinho cá, minha família não tem muitas poses lá no Brasil, e me falaram nisso e eu entrei." (E1)
Forma de entrada	Contacto com pessoas relacionadas com o trabalho sexual ($n=2$)	"Conheci algumas pessoas, falei que precisava de dinheiro e elas me disseram e me falaram desse trabalho." (E1)
Aspetos positivos	Trabalho fácil ($n=2$)	"Até gosto de sexo, achei que não era difícil e era uma forma de ganhar mais dinheiro." (E7)
	Ganhar muito dinheiro ($n=2$)	"É um meio que se ganha muito mais dinheiro e não é difícil." (E1)
	Conhecer muitas pessoas ($n=2$)	"Me permite conhecer muitas pessoas, algumas importantes, viajar, conhecer outros países, muitas culturas diferentes, outras línguas, vou e volto quando quero, trabalho quando preciso mais, eu sou independente, sou livre e faço uma gestão da minha própria vida, como eu quero, isso é muito bom, esse trabalho me permite isso." (E1)
	Conhecer muitos lugares e culturas diferentes ($n=1$)	
	Ser livre, independente e gerir o seu próprio negócio ($n=1$)	
	Experiências sexuais interessantes ($n=1$)	"Sim, eu gosto muito de sexo e, por vezes tenho experiências muito interessantes, isso é a parte boa." (E7)

Aspectos negativos	Perigoso a nível de saúde ($n=1$)	"Estamos muito mais vulneráveis a doenças." (E7)
	Desgaste psicológico ($n=1$)	"Alguns dias eu me sinto muito mal, psicologicamente muito mal, e não quero falar com ninguém nem fazer nada, só ficar sozinho." (E7)
	Influencia nas relações afetivas ($n=2$)	"Um aspeto negativo, talvez as relações amorosas, eu nunca revelo a um namorado o que faço, nem pensar, isso só vai tornar a relação mais fria e dificultar as coisas." (E1)
Comparação com o trabalho sexual praticado por mulheres cisgénero	Trabalho sexual praticado por travestis tem mais procura ($n=2$)	"Percebi que anunciando como mulher travesti tinha mais clientes." (E1)
	Trabalho sexual praticado por travestis é mais bem pago ($n=2$)	"Ganho muito mais sem dúvida por ser travesti." (E7)
Clientes	Motivos da procura	"Os homens nos procuram porque somos totalmente diferentes. Temos um visual feminino com um órgão masculino, isso por si só é motivo de excitação e também por curiosidade, eles querem ver como é." (E7)
	O que procuram	"Eu acho que o homem procura um homem mas disfarçado de mulher para esconder o desejo de estar com um homem. Eles por vezes me pedem para ter tiques mais femininos e agir mais como mulher, mas o que eles procuram mesmo é o que está em baixo." (E1)

Tabela 4: Posicionamento dos TS transgéneros relativamente ao sexo comercial.

Categoria	Subcategoria	Exemplos de respostas dos participantes
Trabalho sexual como uma profissão (<i>n</i> =6)	-	<p>"É um trabalho, é a minha escolha, é um trabalho tão digno como os outros e não é por ser prostituta que sou diferente das outras pessoas" (P5)</p> <p>"Considero um trabalho normal como qualquer outro" (P1)</p> <p>"É um trabalho como outro qualquer, não tenho vergonha" (P6)</p>
Legalização do trabalho sexual	Vantagens económicas para o país (<i>n</i> =5)	<p>"Seria muito útil, talvez passasse a ser mais aceite na sociedade e menos estigmatizado, haveria menos exploração, tínhamos mais apoios e vantagens e também seria bom para a situação económica do país" (P1)</p> <p>"É tudo uma questão de visão social: é a profissão mais antiga do mundo, sempre existiu e sempre vai existir e, dá muito dinheiro, é a troca de um serviço. Só seria bom para todos ser considerada uma profissão com outra qualquer" (P7)</p>
	Vantagens para os TS (<i>n</i> =4)	